

GEORGE R. R. MARTIN

O DRAGÃO DO INVERNO & OUTRAS HISTÓRIAS

Tradução de Jorge Colaço e Luís Santos

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

ÍNDICE

INTRODUÇÃO: ESTA TORRE DE CINZAS	9
ESTA TORRE DE CINZAS	10
INTRODUÇÃO: E SETE VEZES NUNCA MATEIS UM HOMEM	28
E SETE VEZES NUNCA MATEIS UM HOMEM	29
INTRODUÇÃO: DRAGÃO DO INVERNO	65
DRAGÃO DO INVERNO	67
INTRODUÇÃO: O HOMEM DA CASA-DA-CARNE	85
O HOMEM DA CASA-DA-CARNE	87
INTRODUÇÃO: RECORDANDO MELODY	115
RECORDANDO MELODY	116
INTRODUÇÃO: NIGHTFLYERS	133
NIGHTFLYERS	136
INTRODUÇÃO: O TRATAMENTO DO MACACO	222
O TRATAMENTO DO MACACO	223
INTRODUÇÃO: VARIAÇÕES FALACIOSAS	250
VARIAÇÕES FALACIOSAS	251
INTRODUÇÃO: A FLOR DE VIDRO	305
A FLOR DE VIDRO	306
INTRODUÇÃO: RETRATOS DOS SEUS FILHOS	346
RETRATOS DOS SEUS FILHOS	347

INTRODUÇÃO ESTA TORRE DE CINZAS

Quando escrevi «Esta Torre de Cinzas», em 1974, a minha vida mudara assinalavelmente em relação ao que fora um ano e meio antes, quando escrevera «Lya». O meu trabalho alternativo na VISTA terminara, e eu dirigia torneios de xadrez ao fim de semana para complementar o rendimento da escrita. Começara a escrever o romance que se transformaria em *Dying of the Light*, mas pusera-o de parte; seria preciso que passassem dois anos, antes de sentir que estava preparado para o retomar. O meu grande amor terminara mal, quando a minha namorada me trocara por um dos meus melhores amigos. Com essa ferida ainda em carne viva e a sangrar, logo me apaixonei de novo, desta vez por uma mulher com quem tinha muito mais em comum, de tal modo que me sentia como se a tivesse conhecido durante a minha vida inteira. Porém, essa relação apenas começara a desabrochar quando terminou, quase da noite para o dia, quando ela perdeu a cabeça por outra pessoa.

«Esta Torre de Cinzas» resultou de tudo isso. Ben Bova comprou-a para a *Analog*, mas acabou por publicá-la em *Analog Annual*, uma antologia de originais da Pyramid. A ideia da *Annual* era tentar chegar a leitores de livros e interessá-los na revista. Se o consegui ou não, não saberia dizer... mas teria preferido que a minha história tivesse ficado ligada à própria *Analog*. Uma lição que aprendi desde cedo, na minha carreira, e que permanece tão verdadeira hoje como então: o melhor lugar para uma história chamar a atenção é nas revistas. Se alguém alguma vez leu «Esta Torre de Cinzas», além de Ben Bova, não mo conseguirá provar.

ESTA TORRE DE CINZAS

A minha torre é feita de tijolos, pequenos tijolos cor de fuligem, acimentados com uma substância negra e brilhante que, aos meus olhos pouco experientes, se parece estranhamente com obsidiana, embora não possa, claramente, ser obsidiana. Eleva-se junto de um braço do Mar Delgado, com seis metros de altura e a ceder, a poucos metros de distância da orla da floresta.

Encontrei a torre há quase quatro anos, quando Squirrel e eu deixámos Port Jamison no aerocarro prateado que agora jaz à minha porta, cheio de buracos e coberto de ervas. Até hoje não sei quase nada sobre a estrutura, mas tenho as minhas teorias.

Não acho que tenha sido construída por homens, para começar. É claramente anterior a Port Jamison, e muitas vezes suspeito que antecede os voos espaciais dos humanos. Os tijolos (que são curiosamente pequenos, menos de um quarto do tamanho dos tijolos normais) estão gastos, desgastados pela intempérie e velhos, e desfazem-se visivelmente sob os meus pés. Há pó por todo o lado e eu sei de onde ele vem, pois mais de uma vez soltei um tijolo do parapeito sobre o telhado, esmagando-o sem pressa até ficar num pó negro e fino nas minhas mãos nuas. Quando o vento salgado sopra de leste, desprende-se da torre um penacho de cinzas.

Lá dentro, os tijolos estão em melhor estado, uma vez que o vento e a chuva não os atinge tanto, mas a torre continua longe de ser agradável. O interior é formado por um único compartimento cheio de pó e de ecos, sem janelas; a única luz vem de uma abertura circular no centro do telhado. Uma escada de caracol, feita do mesmo tijolo antigo do resto, é parte integrante da parede; dá voltas e voltas, como a rosca de um parafuso, antes de atingir o nível do telhado. Squirrel, que é pequeno como costumam ser

os gatos, acha a escada fácil de subir, mas para pés humanos são estreitas e incômodas.

Mas ainda subo por elas. Todas as noites regresso das florestas frescas, com as flechas negras do sangue empastado das aranhas-dos-sonhos e o bernal pesado com os seus sacos de veneno, pouso o arco, lavo as mãos e depois trepo até ao telhado para lá passar as poucas horas que restam antes de amanhecer. Do outro lado do estreito canal salgado, as luzes de Port Jamison ardem na ilha, e a partir daí não é a cidade que recordo. Os edifícios negros e quadrados ostentam, à noite, um brilhante halo romântico; as luzes, de um laranja-esfumado e de um azul-abafado, falam todas de mistério, de uma canção silenciosa e em mais alguma coisa do que pequena solidão, com as naves a levantarem e baixarem contra as estrelas, como os incansáveis pirlampos errantes da minha infância na Velha Terra.

— Existem ali histórias — disse eu uma vez a Korbec, antes de saber o que sei. — Existem pessoas por trás de cada luz, e cada pessoa tem uma vida, uma história. Só que eles levam as suas vidas sem nunca entrarem em contacto connosco, por isso nunca saberemos as histórias. — Acho que nesse momento gesticulei; estava, claro, bastante bêbedo.

Korbec respondeu mostrando os dentes num sorriso e abanando a cabeça. Era um homem grande, escuro e carnudo, com uma barba que parecia de arame atado. Todos os meses ele vinha da cidade no seu aerocarro negro para me deixar mantimentos e levar o veneno que tinha recolhido, e todos os meses íamos para o telhado embebedarmo-nos juntos. Um condutor de camiões era o que Korbec era, um vendedor de sonhos de baixo preço e de arco-íris em segunda mão. Mas gostava de se ver a si próprio como filósofo e um estudioso do homem.

— Não te iludas — disse-me ele então, com o rosto animado pelo vinho e pela escuridão — não perdes nada. Vidas são histórias estragadas, sabes? As histórias reais têm habitualmente um enredo. Começam e prosseguem durante algum tempo e quando acabam, acabam mesmo, a menos que o tipo tenha uma série em andamento. As vidas das pessoas não fazem isso de maneira nenhuma, apenas erram sem destino e vagueiam e continuam sempre e sempre. Nada alguma vez acaba.

— As pessoas morrem — disse eu. — Acho que isso já é final que chegue.

Korbec fez um ruído sonoro.

— Claro, mas alguma vez soubeste de alguém que tivesse morrido na altura certa? Não, isso não acontece assim. Alguns tipos caem antes de as suas vidas terem propriamente começado, alguns mesmo no meio da melhor parte. Outros parecem adiar, mesmo depois de tudo ter realmente terminado.

Muitas vezes, quando estou sentado lá em cima sozinho, com o calor de Squirrel no meu colo e um copo de vinho ao lado, lembro-me das palavras de Korbec e da forma carregada como as disse, com a sua voz áspera estranhamente suave. Não é grande sábio, Korbec, mas nessa noite acho que falou verdade, talvez sem ele próprio nunca o ter percebido. Mas o realismo sem ilusões que então me ofereceu é o único antídoto que existe para os sonhos que as aranhas tecem.

Mas eu não sou Korbec, nem posso ser, e ao mesmo tempo que reconheço a sua verdade, não a posso viver.

* * *

Estava lá fora, ao final da tarde, a praticar tiro ao alvo, sem mais nada em cima do que a aljava e um par de calções, quando eles chegaram. O anoitecer não estava longe e eu estava a relaxar antes da minha incursão noturna na floresta — mesmo naqueles tempos eu vivia do crepúsculo até ao amanhecer, tal como fazem as aranhas-dos-sonhos. Era boa a sensação das ervas sob os pés descalços, a sensação do arco de curva dupla na minha mão era ainda melhor, e eu estava a disparar bem.

Então, ouvi-os a virem. Olhei de relance, sobre o ombro, para a praia e vi o aerocarro azul-escuro aumentar rapidamente de tamanho contra o céu, a leste. Gerry, claro, soube logo pelo som; o seu aerocarro produzia ruídos desde que o conhecera.

Voltei-lhes as costas, retirei outra flecha — com bastante firmeza — e acertei no centro do olho-de-boi pela primeira vez nesse dia.

Gerry pousou o aerocarro sobre as ervas, junto à base da torre, apenas a uns metros do meu. Crystal estava com ele, esbelta e grave, com o seu longo cabelo dourado, cheio de reflexos vermelhos devido ao sol da tarde. Saíram e caminharam na minha direção.

— Não fiquem junto ao alvo — disse-lhes eu enquanto fazia deslizar outra flecha, dobrando o arco. — Como me descobriram? — O ressoar da flecha a vibrar no alvo sublinhou a pergunta.

Eles rodearam a minha linha de fogo.

— Referiste uma vez que tinhas topado este sítio do ar — disse Gerry — e sabíamos que não estavas em lado nenhum de Port Jamison. Imaginei que valia a pena tentar. — Ele parou a alguns metros de mim, com as mãos nas ancas, com o mesmo ar com que sempre me lembrava dele: grande, cabelo escuro e muito musculado. Crystal apareceu ao seu lado e colocou-lhe uma mão levemente no braço.

Baixei o arco e virei-me, ficando de frente para eles.

— Bem, então, descobriram-me. Porquê?

— Estava preocupada contigo, Johnny — disse Crystal suavemente. Mas evitou os meus olhos, quando olhei para ela.

Gerry pôs-lhe um braço em volta da cintura, muito possessivamente, e algo chamejou dentro de mim.

— Fugir nunca resolve coisa nenhuma — disse-me ele, e a sua voz era uma mistura estranha da preocupação amistosa e da arrogância paternalista com que me tratava havia meses.

— Eu *não* fugi — disse eu, com voz tensa. — Maldição. Nunca deveriam ter vindo.

Crystal olhou para Gerry, parecendo muito triste, e foi claro que, subitamente, ela estava a pensar a mesma coisa. Gerry apenas franziu o cenho. Acho que ele nunca compreendeu, nem única vez, a razão de eu ter dito o que disse, ou feito as coisas que fiz; sempre que discutíamos o assunto, o que acontecia raramente, ele apenas me dizia, com vaga perplexidade, o que ele teria feito se os nossos papéis fossem ao contrário. Parecia-lhe infinitamente estranho que alguém pudesse fazer alguma coisa de forma diferente, na mesma situação.

O seu cenho carregado não me atingiu, mas ele já provocara os seus danos. Durante meses, estivera no meu exílio voluntário na torre, a tentar compatibilizar-me com as minhas ações e humores, e fora tudo menos fácil. Crystal e eu estávamos juntos há muito tempo — quase quatro anos — quando viemos para o Mundo de Jamison, tentando descobrir o rasto de objetos únicos de prata e de obsidiana, que apanháramos em Baldur. Amara-a durante todo esse tempo, e continuo a amá-la, mesmo agora, depois de ela me ter deixado por Gerry. Quando me sentia bem comigo próprio, parecia-me que o impulso que me fizera abandonar Port Jamison fora nobre e desinteressado. Queria, simplesmente, que Crys fosse feliz, e ela não poderia ser feliz comigo ali. As minhas feridas eram demasiadamente profundas, e eu não as conseguia esconder; a minha presença abafava com culpa a nova alegria que ela encontrara com Gerry. E, uma vez que ela não conseguia desligar-se completamente de mim, senti-me compelido a desligar-me eu. Por eles. Por ela.

Ou assim eu gostava de dizer a mim mesmo. Mas havia horas em que aquela clara racionalização se rompia, horas negras de ódio por mim próprio. Eram aquelas as verdadeiras razões? Ou estava eu simplesmente a penalizar-me num ataque de imaturidade raivosa, e, fazendo-o, a puni-los — como uma criança obstinada que brinca com ideias de suicídio como forma de vingança?

Sinceramente, não sabia. Durante um mês, flutuara entre uma crença e outra, ao mesmo tempo que tentava compreender-me e decidir o que faria a seguir. Queria pensar em mim mesmo como um herói, disposto a fazer

um sacrifício pela felicidade da mulher que amava. Mas as palavras de Gerry tornavam claro que ele, de todo, não via isso desse modo.

— Porque tens de ser tão dramático acerca de tudo? — disse ele, com ar teimoso. Ele sempre se mostrara determinado em ser muito civilizado e parecia perpetuamente entediado comigo porque eu não me resignava e sarava as feridas de modo a que pudéssemos ser todos amigos. Nada me entediava tanto como o seu tédio; *eu* achava que, tudo somado, estava a lidar bastante bem com a situação, e acusava com ressentimento a opinião de que não estava.

Mas Gerry estava determinado em converter-me, e o meu olhar mais intimidante era tempo perdido.

— Vamos ficar aqui e conversar até concordares em voltar para Port Jamison connosco — disse-me ele, no seu mais convincente tom de agora-vou-ser-duro-a-sério.

— Não querias mais nada! — disse eu, afastando-me bruscamente deles e arrancando uma flecha da aljava. Coloquei-a em posição, puxei, e soltei, tudo depressa de mais. A flecha falhou o alvo por um bom metro e foi espetar-se nos tijolos macios e escuros da minha torre a desfazer-se.

— Que lugar é este, de qualquer modo? — perguntou Crys, olhando para a torre como se a estivesse a ver pela primeira vez. É possível que estivesse — que tivesse sido a visão incongruente da flecha alojada na pedra que a tivesse obrigado a reparar na velha estrutura. Porém, era mais verosímil que fosse uma mudança de assunto premeditada, concebida para arrefecer a discussão que estava a germinar entre Gerry e eu.

Baixei o arco de novo e caminhei até ao alvo para recuperar as flechas que já atirara.

— Não tenho bem a certeza — disse eu, de alguma forma amolecido e ansioso por pegar na deixa que ela me atirara. — Uma torre de vigia, acho eu, de origem não humana. O Mundo de Jamison nunca foi explorado por completo. Pode ter tido, um dia, uma raça sensível. — Rodeei o alvo a caminho da torre e arranquei a última flecha do tijolo a desfazer-se. — Na realidade, pode ainda ter. Sabemos muito pouco sobre o que se passa no continente.

— Um maldito lugar sombrio para se viver, se queres saber — aventou Gerry, olhando para a torre. — Pelo aspeto, pode cair a qualquer momento.

Fiz um sorriso confundido.

— A ideia ocorreu-me. Mas, quando aqui cheguei, nada me importava. — Assim que as palavras saíram, lamentei tê-las dito; Crys teve um estremeamento visível. Essa fora a minha história das minhas últimas semanas em Port Jamison. Por mais que tentasse, parecera-me que tinha apenas duas opções: poderia ficar quieto ou poderia magoá-la. Nenhuma delas era

tentadora, por isso estava ali. Mas ali estavam eles, também, pelo que toda aquela situação insustentável estava de volta.

Gerry tinha outro comentário preparado, mas nunca chegou a dizê-lo. Nesse preciso momento, Squirrel veio a correr por entre as ervas, direito a Crystal.

Ela sorriu-lhe e ajoelhou-se, e pouco depois ele estava aos pés dela, lambendo-lhe a mão e mordiscando-lhe os dedos. Squirrel estava, claramente, com boa disposição. Ele gostava da vida junto à torre. Em Port Jamison, a vida dele fora limitada pelos temores de Crystal de que ele fosse comido por rosnifões de rua, ou perseguido por cães ou pendurado pelo pescoço pelas crianças dali. Ali, eu deixava-o correr em liberdade, coisa de que ele gostava. O mato em volta da torre era dominado por ratos-de-chicote, um roedor nativo com uma cauda pelada com três vezes o comprimento do corpo. A cauda provocava uma ferroada não muito aguda, mas Squirrel não se importava, apesar de ficar inchado e aborrecido de cada vez que era tocado por uma. Ele gostava de caçar ratos-de-chicote durante o dia todo. Squirrel sempre se tomara por um grande caçador e caçar uma malga com comida de gato não exigia grande habilidade.

Ele estava comigo ainda há mais tempo do que Crys, mas ela tornou-se, convenientemente, amiga dele, durante o tempo em que estivemos juntos. Muitas vezes suspeitava que Crystal teria ido mais cedo com Gerry se a ideia de deixar Squirrel não a perturbasse. Não que ele tivesse uma grande beleza. Era um gato pequeno, delgado, com ar de quem gostava de arranhar, com orelhas de raposa e pelo cinzento-acastanhado, e uma grande cauda farfalhada dois tamanhos acima do dele. O amigo que mo deu, em Avalon, informou-me gravemente de que Squirrel era filho ilegítimo de um gatarrão com poderes psíquicos vadio e tinoso, artificialmente concebido. Mas, se Squirrel podia ler a mente do dono, não prestava muita atenção a isso. Quando queria afeto, fazia coisas como trepar para cima do livro que eu estava a ler, fazendo-o cair, e começar a morder-me o queixo; quando queria ser deixado em paz, era uma loucura perigosa tentar dar-lhe mimo.

Quando Crystal se ajoelhou junto dele e o afagou, e Squirrel se aconchegou na sua mão, ela pareceu-se muito com a mulher com quem eu viajara e amara e falara até profundidades infinitas e com quem dormira todas as noites, e subitamente percebi quantas saudades tinha dela. Acho que sorri; a visão dela, mesmo naquela situação, ainda me dava uma alegria ensombrada por nuvens. Talvez eu estivesse a ser idiota, estúpido e vingativo ao mandá-los embora, pensei eu, depois de terem vindo até tão longe para me verem. Crys continuava a ser Crys, e Gerry não poderia ser assim tão mau, uma vez que ela o amava.

Observando-a, mudamente, tomei uma súbita decisão; deixá-los-ia ficar. E poderíamos ver o que acontecia.

— É quase noite — ouvi-me dizer a mim mesmo. — Vocês têm fome? Crys levantou os olhos, ainda a acariciar Squirrel, e sorriu. Gerry anuiu: — Claro.

— Muito bem — disse eu. Passei por eles, voltei-me, parei na entrada e fiz um gesto para dentro. — Bem-vindos à minha ruína.

Acendi as tochas elétricas e pus-me a fazer o jantar. As minhas arcas estavam bem fornecidas nessa altura; não começara ainda a viver na floresta. Descongelei três grandes dragões-da-areia, os crustáceos de casca prateada que os pescadores de Jamie implacavelmente arrastavam, e servi-os com pão, queijo e vinho branco.

A conversa durante a refeição foi cortês e contida. Falámos de amigos em comum de Port Jamison, Crystal falou-me sobre uma carta que recebera de um casal que conhecêramos em Baldur, Gerry falou de política e dos esforços da polícia de Port para reprimir o tráfico de veneno para sonhar.

— O Conselho está a patrocinar investigações de uma espécie de superpesticida que liquidará as aranhas-dos-sonhos — disse ele. — Acho que uma pulverização minuciosa da costa mais próxima eliminaria a maior parte do fornecimento.

— Decerto — disse eu, um pouco alto por conta do vinho e um pouco irritado por conta da estupidez de Gerry. Uma vez mais, ouvindo-o, dera por mim a questionar o gosto de Crystal. — Que se lixem quaisquer outros efeitos que isso poderá ter na ecologia, certo?

Gerry encolheu os ombros.

— Continente — disse ele, simplesmente. Ele era um Jamie sem tirar nem pôr, e o comentário significava «Que interessa?» Os acidentes da História haviam dado aos residentes do Mundo de Jamison uma singular atitude altiva em relação ao único grande continente do planeta. A maior parte dos colonos originais tinham vindo do Velho Poseidon, onde o mar constituía uma forma de vida durante gerações. Os ricos e fervilhantes oceanos e os pacíficos arquipélagos daquele seu novo mundo tinham-nos atraído bem mais do que as escuras florestas do continente. Os seus filhos haviam crescido nas mesmas convicções, exceto um punhado, que achava ilegal fazer lucro vendendo sonhos.

— Não descartes tudo isso com tanta facilidade — disse eu.

— Sê realista — respondeu ele. — O continente não serve para nada para ninguém, exceto para homens-aranhas. A quem faria isso mal?

— Caramba, Gerry, olha para esta torre! De onde veio ela, não me dizes? Pode haver por aí vida inteligente, nessas florestas, digo-te eu. Os Jammers nunca sequer se incomodaram a procurar.

Crystal assentia, bebendo o seu vinho.

— Johnny pode ter razão — disse ela, olhando de relance para Gerry. — Essa foi a razão por que eu vim para cá, lembra-te. Os artefactos. O homem da loja em Baldur disse que eles eram enviados de Port Jamison. Ele não conseguia seguir-lhes o rasto para além disso. A execução — eu manuseei arte alienígena durante anos, Gerry. Conheço o Trabalho Fyndii, e Damosh, e vi todos os outros. Este era *diferente*.

Gerry apenas sorriu.

— Isso não prova nada. Existem outras raças, milhões delas, mais para além, na direção do núcleo. As distâncias são demasiadamente grandes, pelo que não ouvimos falar deles muito frequentemente, a não ser talvez em terceira mão, mas não é impossível que, de vez em quando, uma peça da arte deles consiga passar até nós. — Abanou a cabeça. — Não, aposto que esta torre foi erguida por algum dos primeiros colonos. Quem sabe? Poderá ter havido qualquer outro descobridor, anterior a Jamison, que nunca relatou este achado. Talvez ele tenha construído este local. Mas não compro sensibilidades continentais.

— Pelo menos até fumigares as malditas florestas e saírem todos agitando as lanças — disse eu acidamente. Gerry riu-se e Crystal sorriu-me. E subitamente, subitamente, tive uma vontade avassaladora de vencer aquela discussão. Os meus pensamentos tinham aquela claridade esfumada que apenas o vinho pode dar, e pareciam tão lógicos. Eu tinha *razão*, claramente, e ali estava a minha oportunidade de revelar Gerry como o provinciano que ele era e ganhar pontos aos olhos de Crys.

Inclinei-me para diante.

— Se vocês, Jamies, alguma vez procurassem, poderiam encontrar sensibilidades — disse eu. — Só estou no continente há um mês, e já descobri uma grande quantidade de coisas. Vocês não têm qualquer raio de noção do género de beleza que falam tão alegremente em liquidar. Há aqui toda uma ecologia, diferente da das ilhas, espécies e mais espécies, uma grande quantidade ainda por descobrir. Mas que sabem vocês disso? Qualquer de vós?

Gerry assentiu.

— Então, mostra-me. — Levantou-se subitamente. — Estou sempre disposto a aprender, Bowen. Porque não nos levas e nos mostras todas as maravilhas do continente?

Creio que Gerry estava a tentar ganhar pontos, também. Provavelmente, nunca pensou que eu aceitaria a sugestão, mas era exatamente isso que eu queria. Estava agora escuro lá fora, e tínhamos estado a conversar à luz das tochas. Em cima, as estrelas brilhavam através do buraco do telhado. A floresta estaria, agora, viva, misteriosa e bela, e fiquei subitamente ansioso

por ir para lá, de arco na mão, para um mundo onde eu era uma força e um amigo, e Gerry um turista desajeitado.

— Crystal? — disse eu.

Ela mostrou-se interessada.

— Parece divertido. Se for seguro.

— Será — disse eu. — Vou levar o arco. — Ambos nos levantámos e Crys parecia feliz. Lembrei-me dos tempos em que enfrentáramos juntos o território inóspito de Baldur e senti-me, repentinamente, muito feliz, certo de que tudo iria correr bem. Gerry era apenas parte de um sonho mau. Ela não poderia, certamente, estar apaixonada por ele.

Em primeiro lugar, fui à procura das pastilhas para a ressaca; sentia-me bem, mas não suficientemente bem para me meter na floresta ainda entorpecido pelo vinho. Crystal e eu engolimos as nossas imediatamente e, segundos depois, o entusiasmo do álcool começou a desaparecer. Gerry, contudo, afastou a pastilha que lhe ofereci.

— Não bebi assim tanto — insistiu ele. — Não preciso.

Encolhi os ombros, pensando que as coisas estavam a ficar cada vez melhores. Se Gerry fosse aos tombos, ebriamente, pela floresta, isso não poderia deixar de afastar Crys dele.

— Como queiras — disse eu.

Nenhum deles estava, na verdade, vestido apropriadamente para o território selvagem, mas esperava que isso não constituísse um problema, uma vez que não planeava levá-los para as profundezas da floresta. Seria uma viagem rápida, pensava eu; vaguear um pouco pelo meu trilho, mostrar-lhes o monte de poeira e o abismo-das-aranhas, talvez apanhar uma aranha-dos-sonhos para eles. Nada de mais, era ir e voltar.

Vesti uma capa escura, pesadas botas todo-o-terreno, e a aljava, dei a Crystal uma lanterna para o caso de nos afastarmos das regiões do musgo-azul, e apanhei o arco.

— Precisas realmente disso? — perguntou Gerry, com sarcasmo.

— Proteção — disse eu.

— Não pode ser assim tão perigoso.

Não é, se soubermos o que estamos a fazer, mas não lhe disse isso a ele.

— Então por que razão, vocês, Jamies, ficam nas vossas ilhas?

Ele sorriu.

— Confiaria antes num laser.

— Estou a desenvolver um instinto de morte. O arco dá à presa uma hipótese, qualquer que seja.

Crys fez um sorriso que falava de memórias partilhadas.

— Ele só caça predadores — disse ela a Gerry. Eu fiz uma vénia.

Squirrel concordou em guardar o meu castelo. Como firmeza e muito

seguro de mim, coloquei uma faca no cinto e conduzi a minha ex-mulher e o amante dela para o interior das florestas do Mundo de Jamison.

Seguimos em fila indiana, próximos uns dos outros, eu à frente com o arco, Crys a seguir e Gerry atrás dela. Crys utilizou a lanterna quando partimos, lançando a luz sobre o trilho à medida que desbravávamos o nosso caminho através do denso bosque de pontas-de-flecha que se erguiam como uma parede contra o mar. Altas e muito direitas, com uma crosta cinzenta como casca e algumas tão grandes como a minha torre, ascendiam a uma altura ridícula antes de lhes rebentar o seu escasso carregamento de ramos. Aqui e ali aglomeravam-se muito juntas e estreitavam o caminho entre elas, e fomos confrontados, repentinamente, no escuro, por mais de uma cerca de madeira aparentemente intransponível. Mas Crys conseguiu sempre distinguir o caminho, comigo um metro à frente dela a indicar para onde apontar a lanterna quando parava.

A dez minutos da torre, o caráter da floresta começou a mudar. O solo e o próprio ar eram mais secos aqui, o vento mais fresco, mas sem a mordida do sal; as sequiosas pontas-de-flecha tinham secado a maior parte da humidade do ar. Começaram a ser mais pequenas e menos frequentes, e o espaço entre elas maior e mais fácil de encontrar. Começaram a aparecer plantas de outras espécies: pequenas e enfezadas árvores-de-gnomos, carvalhos-de-imitação escarrapachados, graciosas fogueiras-negras, cujos veios vermelhos cintilavam palpitantes na madeira escura quando apanhadas pela lanterna errante de Crystal.

E musgo-azul.

A princípio apenas um pouco; aqui uma teia viscosa pendente de um braço de um gnomo, ali uma pequena mancha no solo, frequentemente abrindo caminho pelo tronco acima de uma fogueira-negra ou de uma solitária e minguada ponta-de-flecha. Depois, cada vez mais e mais; densos tapetes debaixo dos pés, cobertores musgosos em cima, nas folhas, pesadas trepadeiras que se suspendiam dos ramos e oscilavam ao vento. Crystal apontava a lanterna em redor, descobrindo tufos maiores e melhores do fungo azul e macio, e comecei, perifericamente, a ver o brilho.

— Chega — disse eu, e Crys apagou a luz.

A escuridão durou apenas um momento, até os nossos olhos se ajustarem à obscuridade. À nossa volta, a floresta era inundada por uma radiação suave, à medida que o musgo-azul nos encharcava com a sua fosforescência fantasmagórica. Estávamos perto de um dos lados de uma pequena clareira, por baixo de uma brilhante fogueira-negra, mas até as chamas dos veios vermelhos da sua madeira pareciam frios naquela esbatida luz azul. O musgo tomara toda a vegetação rasteira, suplantando todas as ervas e tornando os arbustos próximos em felpudas bolas de praia azuis. Trepava

lateralmente pela maior parte das árvores e, quando levantávamos os olhos para as estrelas, através dos ramos, víamos que outras colônias tinham colocado sobre os bosques uma coroa brilhante.

Pousei cuidadosamente o arco contra o flanco escuro de uma fogueira-negra, curvei-me e ofereci a Crystal uma mancheia de luz. Quando a segurei sob o seu queixo, ela voltou a sorrir-me, com as feições adoçadas pela magia fresca que tinha na mão. Lembro-me de me sentir muito bem por os ter levado até àquela beleza.

Mas Gerry apenas me dirigiu um sorriso forçado.

— É isto que vamos pôr em perigo, Bowen? — perguntou ele. — Uma floresta cheia de musgo-azul?

Deixei cair o musgo.

— Não achas que é bonito?

Gerry encolheu os ombros.

— Claro, é bonito. Mas é também um fungo, um parasita com uma tendência perigosa para devastar e abafar todas as outras formas de vida vegetal. O musgo-azul era muito denso em Jolostar e no Arquipélago de Barbis, em tempos, como sabes. Arrancámo-lo todo pela raiz; pode devorar uma boa plantação de milho num mês. — Abanou a cabeça.

E Crystal concordou.

— Ele tem razão, tu sabes — disse ela.

Demorei o meu olhar nela, sentindo-me subitamente muitíssimo sóbrio, há muito desaparecida a última memória do vinho. Abruptamente, fez-se luz e vi que tinha, sem pensar, construído mais uma fantasia para mim próprio. Ali, num mundo que começara a tornar meu, um mundo de aranhas-dos-sonhos e musgo mágico, pensara que, de algum modo, poderia recapturar o meu próprio sonho, que há muito fugira, a minha sorridente e cristalina alma gémea. Na floresta sem tempo do continente, ela ver-nos-ia a ambos a uma nova luz e perceberia de novo que era a mim que amava.

Então, eu tecera uma bonita teia, brilhante e sedutora como a armadilha de qualquer aranha-dos-sonhos, e Crys despedaçara os frágeis filamentos com uma palavra. Ela era dele; não mais minha, nem agora, nem nunca. E se Gerry me parecia estúpido ou insensível ou demasiado prático, bem, talvez fossem essas mesmas qualidades que tinham feito com que Crys o escolhesse. E talvez não — eu não tinha qualquer direito de criticar o seu amor, e possivelmente não o compreenderia nunca.

Sacudi os últimos flocos de musgo brilhante das mãos enquanto Gerry tirava a pesada lanterna a Crystal, acendendo-a de novo. O meu país de fadas azul dissolveu-se, incendiado pela branca e brilhante realidade do feixe de luz da lanterna.

— E agora? — perguntou ele, sorrindo. Afinal, não estava assim tão bebido.

Ergui o arco do local onde o pousara.

— Sigam-me — disse eu, rápida e secamente. Ambos se mostraram ansiosos e interessados, mas a minha disposição alterara-se dramaticamente. Subitamente, toda a viagem me pareceu inútil. Desejei que se tivessem ido embora e eu estivesse de volta à minha torre com Squirrel. Estava em baixo...

... e a afundar-me. Mais no interior do bosque coberto de musgo, deparámos com um ribeiro de corrente rápida e escura, e o brilho da luz da lanterna trespassou um ferricorne solitário que viera beber. Olhou rapidamente, pálido e surpreso, e depois fugiu com um salto através das árvores, parecendo-se um pouco, por um fugaz instante, com o unicórnio lendário da Velha Terra. Por hábito antigo, olhei para Crystal, mas os seus olhos procuraram os de Gerry quando se riu.

Mais tarde, quando escalávamos uma inclinação rochosa, surgiu uma gruta próximo dali; pelo cheiro, tratava-se do covil de um rosnifão-bravo.

Virei-me para os avisar de que deviam contorná-lo, descobrindo que perdera o meu público. Estavam alguns passos atrás de mim, no fundo das rochas, caminhando muito lentamente e falando baixinho, de mãos dadas.

Sombrio e zangado, sem palavras, afastei-me de novo e continuei a subir a encosta. Não voltámos a falar até eu ter encontrado o monte de pó.

Parei na sua orla, com as botas enterradas no fino pó cinzento, e eles surgiram, vagueando, por trás de mim.

— Vá, Gerry — disse eu. — Usa a lanterna aqui.

A luz deambulou. A encosta estava nas nossas costas, rochosa e iluminada aqui e ali pelo fogo frio e esborratado da vegetação asfíxiada pelo musgo-azul. Mas, à nossa frente, havia apenas desolação; uma vasta planície vazia, negra, destruída e sem vida, aberta às estrelas. Gerry moveu a luz para trás e para a frente, mais viva quando explorava os limites da poeira mais próxima, esmorecendo quando ele a fazia brilhar a direito para o longe acinzentado. O único ruído era o do vento.

— E então? — disse ele, por fim.

— Sintam o pó — disse-lhe eu. Não me vergaria, desta vez. — E quando estivermos de volta à torre, esmaguem um dos tijolos e sintam isso. É a mesma coisa, uma espécie de pó de cinza. — Fiz um gesto amplo. — Apostaria que houve aqui uma cidade, aqui, mas tudo se esfarelou em pó de cinzas. Talvez a minha torre fosse um posto avançado da gente que a construiu, estão a ver?

— Os desaparecidos seres sensíveis da floresta — disse Gerry, ainda a sorrir. — Bem, admito que não há nada parecido com isto nas ilhas. Por

uma boa razão. Não deixamos que os incêndios florestais alastrem livremente.

— Incêndios florestais! Não me venhas com essa. Os incêndios florestais não reduzem tudo a um pó fino, o que tens sempre são uns quantos cepos enegrecidos ou algo parecido.

— Oh! Provavelmente, tens razão. Mas todas as cidades em ruínas que conheço têm pelo menos uns quantos tijolos ainda em cima uns dos outros para os turistas tirarem fotografias — disse Gerry. O feixe de luz da lanterna revoltou para a frente e para trás sobre o monte de poeira, descartando-o. — A única coisa que tens aqui é um monte de lixo.

Crystal não disse nada.

Iniciei o caminho de regresso, enquanto eles me seguiam em silêncio. Estava a perder pontos a cada minuto que passava; fora uma idiotice tê-los levado ali. Nesse momento, não tinha mais nada em mente do que levá-los de volta à torre o mais depressa possível, despachá-los aos dois para Port Jamison, e retomar o meu exílio.

Crystal tolheu-me o passo, após termos regressado sobre a encosta e reentrado na floresta de musgo-azul.

— Johnny — disse ela. Parei, eles aproximaram-se, Crys apontou.

— Apaga a luz — disse eu a Gerry. À luz mais fraca do musgo, era mais fácil localizar: a intricada teia iridescente de uma aranha-dos-sonhos, fazendo uma diagonal em direção ao solo desde os ramos baixos de um carvalho-de-imitação. As manchas de musgo que brilhavam suavemente a toda a nossa volta nada eram em comparação com isto; todos os cordões da teia eram tão grossos como o meu dedo pequeno, gordurosos e brilhantes, apresentando as cores do arco-íris.

Crys deu um passo na sua direção, mas eu retive-a por um braço e fi-la parar.

— As aranhas estão por aí, algures — disse eu. — Não se aproximem demasiado. O papá aranha nunca deixa a teia e a mamã vagueia por entre as árvores, à noite.

Gerry olhou para cima um pouco apreensivamente. A sua lanterna estava apagada e, subitamente, não parecia ter todas as respostas. As aranhas-dos-sonhos são predadoras perigosas, e suponho que ele nunca vira nenhuma fora de uma vitrina de exposição. Nas ilhas, elas não existiam.

— Uma teia bem grande — disse ele. — As aranhas devem ter um tamanho razoável.

— Razoável — disse eu e, de imediato, fui tomado pela inspiração. Poderia causar-lhe ainda mais desconforto se uma teia vulgar como aquela o enredasse. E ele causara-me desconforto durante a noite toda. — Sigam-me. Vou mostrar-vos uma aranha-dos-sonhos verdadeira. — Rodeámos a teia,

cuidadosamente, sem nunca vermos os seus guardiães. Levei-os ao abismo-das-aranhas.

Era um grande V na terra arenosa, talvez um leito de riacho, um dia, mas seco e agora coberto de vegetação. O abismo não é muito profundo à luz do dia, mas à noite tem um aspeto formidável, se olharmos para baixo das encostas cheias de arvoredos, de cada lado. O fundo é um emaranhado escuro de matagal, vivo, com pequenas tremulações de luz espectral; mais alto, árvores de todos os tipos atravessam a fenda. Uma velha e podre ponta-de-flecha, mirrada pela falta de humidade, tombara, havia já muito tempo, formando uma ponte natural. A ponte suspende-se com musgo-azul, e brilha. Caminhámos os três pelo tronco curvo, nessa obscuridade luminosa, e eu apontei para baixo.

Uns metros abaixo, uma rede cintilante com múltiplas tonalidades suspendia-se entre as colinas, cada cordão da teia grosso como um cabo e reluzente de óleos viscosos. Ela ligava todas as árvores mais baixas num abraço intrincado e mutante, e formava um brilhante teto mágico sobre o abismo. Muito bonita; fazia com que se quisesse alcançá-la e tocar nela.

Isso, claro, era a razão pela qual as aranhas-dos-sonhos as teciam. Eram predadoras noturnas, e as cores brilhantes das suas teias acesas na noite constituíam um chamariz potente.

— Olhem — disse Crystal — a aranha. — Ela apontou. Num dos cantos mais escuros da teia, meio escondida pelo emaranhado de uma árvore-de-gnomos que brotava da rocha, lá estava ela. Eu conseguia vê-la vagamente, à luz da teia e do musgo, uma coisa enorme com oito pernas do tamanho de uma abóbora grande. Imóvel. À espera.

Gerry olhou em volta, de novo pouco à vontade, para as ramadas de um retorcido carvalho-de-imitação que se suspendia parcialmente por cima de nós.

— A fêmea anda algures por aí, não é?

Assenti. As aranhas-dos-sonhos do Mundo de Jamison não são bem iguais aos aracnídeos da Velha Terra. A fêmea é, na realidade, a mais letal da espécie, mas longe de comer o macho, ela condu-lo a uma vida de permanente e especializada parceria. Porque é o lerdo e volumoso macho que desbobina o fio, que tece a teia e a acende com brilhos e a torna viscosa com os seus óleos, que liga e ata a presa, tentada pela luz e pela cor. Entretanto, a fêmea, mais pequena, vagueia pelos ramos negros, com o seu saco cheio do viscoso veneno-dos-sonhos, que assegura visões brilhantes, êxtases e uma escuridão final. Ela pica criaturas muitas vezes maiores do que ela, arrastando-as, flácidas, para a teia, abastecendo a despesa.

Com tudo isso, as aranhas-dos-sonhos são caçadoras gentis e misericordiosas. Não interessa se preferem alimentos vivos; os prisioneiros gos-

tam, provavelmente, de ser comidos. A sabedoria popular Jamie diz que a presa de uma aranha geme de alegria ao ser consumida. Como toda a sabedoria popular, é imensamente exagerada. Mas a verdade é que os prisioneiros nunca lutam.

Exceto naquela noite, pois alguma coisa lutava na teia, abaixo de nós.

— Que é aquilo? — disse eu, piscando os olhos. A teia iridescente nem estava perto de se considerar vazia — o corpo meio comido de um ferricorne jazia ali, bem próximo, abaixo de nós, e um grande morcego escuro estava atado com cordões brilhantes, apenas um pouco mais à frente — mas eles não eram o que eu vi. No canto oposto ao da aranha-macho, junto às árvores mais ocidentais, estava alguma coisa presa, agitando-se. Recordo-me de um pequeno vislumbre de membros pálidos a debaterem-se, grandes olhos luminosos e algo parecido com asas. Mas não a vi nitidamente.

Foi então que Gerry escorregou.

Talvez tivesse sido o vinho que lhe retirou firmeza, ou talvez o musgo sob os nossos pés, ou a curva do tronco sobre o qual estávamos. Talvez ele estivesse apenas a tentar rodear-me para ver o que estava eu a fixar tão atentamente. Mas, de qualquer modo, escorregou e perdeu o equilíbrio, soltou um ganido, e subitamente estava a cinco metros abaixo de nós, preso na teia. Toda ela abanou com o impacto da sua queda, mas sem ameaçar romper-se — afinal, as teias das aranhas-dos-sonhos são suficientemente fortes para apanhar ferricornes e rosnifões-bravos.

— Maldição — gritou Gerry. Estava com um ar ridículo; uma perna mergulhara diretamente através das fibras da teia e ficara com os braços meio afundados e desesperadamente enleados, apenas a cabeça e os ombros estavam realmente livres da confusão. — Esta coisa é pegajosa. Não me consigo mexer.

— Nem tentes — disse-lhe eu. — Apenas vai piorar. Vou arranjar uma forma de descer e libertar-te. Tenho a faca comigo. — Olhei em redor, à procura de um ramo de árvore para fazer vibrar para cima e para baixo.

— *John*. — A voz de Crystal estava tensa, inquieta.

A aranha-macho deixara o esconderijo por trás da árvore-de-gnomos. Avançava para Gerry numa marcha pesada e deliberada; uma forma gorda e branca reivindicando para si a beleza sobrenatural da sua teia.

— Maldição — disse eu. Não estava seriamente alarmado, mas era um aborrecimento. O grande macho era a maior aranha que alguma vez vira, e parecia-me ser uma pena matá-lo. Mas não via que tivesse muitas alternativas. O macho da aranha-dos-sonhos não tem veneno, mas é carnívoro, e a sua mordida pode ser fatal, especialmente quando é do tamanho deste. Não poderia deixá-lo chegar suficientemente perto de Gerry.

Firme e cuidadosamente, retirei uma comprida flecha cinzenta da aljava e encaixei-a na corda do arco. Era noite, claro, mas não estava realmente preocupado. Era bom atirador, e o alvo estava claramente desenhado junto dos cordões brilhantes da sua teia.

Crystal gritou.

Parei por um breve instante, aborrecido pelo facto de ela ter entrado em pânico quando estava tudo sob controlo. Mas eu sabia, claro, desde o início, que ela não entraria em pânico. Era alguma outra coisa. Por um momento, não consegui imaginar o que poderia ser.

Então vi, quando segui com os meus olhos o olhar de Crys. Uma gorda aranha branca do tamanho de um punho de um homem grande descera do carvalho-de-imitação para a ponte onde estávamos, nem a dez metros de distância. Crystal, graças a Deus, estava segura atrás de mim.

Fiquei ali — quanto tempo? Não sei. Se tivesse agido apenas, sem parar, sem pensar, poderia ter dominado toda a situação. Devia ter tratado primeiro do macho, com a flecha que tinha pronta a atirar. Teria havido tempo de sobra para atirar uma segunda flecha à fêmea.

Mas, em vez disso, fiquei paralisado, preso naquele momento de brilhante obscuridade, por um instante fora do tempo, de arco na mão, porém incapaz de agir. Subitamente, era tudo tão complicado. A fêmea corria na minha direção, mais depressa do que eu teria acreditado, e parecia tão mais rápida e letal do que aquela coisa branca e lenta, em baixo. Talvez eu devesse tê-la matado em primeiro lugar. Poderia falhar, e então precisaria de tempo para pegar na faca ou numa segunda flecha.

Só que deixaria Gerry enleado e impotente sob as mandíbulas do macho que avançava inexoravelmente para ele. Ele poderia morrer. Ele poderia morrer. Crystal não me poderia culpar nunca. Tinha de me salvar e a ela, ela compreenderia isso. E eu tê-la-ia de volta.

Sim.

NÃO!

Crystal estava a gritar, a gritar, e de súbito tudo ficou claro e eu percebi o que significara tudo aquilo e porque estava ali naquela floresta e o que tinha a fazer. Houve um momento de transcendência gloriosa. Perdera o dom de a fazer feliz, a minha Crystal, mas, agora, naquele momento suspenso no tempo, esse poder regressara e eu poderia dar ou reter a felicidade para sempre. Com uma flecha, poderia provar um amor que Gerry nunca igualaria.

Creio que sorri. Estou certo de que o fiz.

E a minha flecha voou obscuramente através da noite fria e encontrou o seu alvo na aranha branca e inchada que corria por uma teia de luz.

A fêmea estava em cima de mim, e não fiz qualquer movimento para

lhe dar um pontapé ou para a esmagar com o tacão. Senti uma dor aguda de picada no tornozelo.

Brilhantes e multicoloridas são as teias que as aranhas-dos-sonhos tecem.

À noite, quando regresso das florestas, limpo cuidadosamente as flechas e abro a minha grande faca, com a sua fina lâmina de serrilha, para romper os sacos de veneno que recolhi. Rasgo-os, um de cada vez, como antes os rasguei dos corpos brancos e imóveis das aranhas-dos-sonhos, e depois vazoo o veneno para uma garrafa, à espera do dia em que Korbec vier buscá-la.

Depois, tiro a miniatura de cálice, ricamente lavrada com prata e obsidiana e brilhante com motivos araneiformes e encho-o com o pesado vinho negro que me trazem da cidade. Mexo o líquido na taça com a faca, em volta, em volta, até a lâmina estar limpa e reluzente de novo e o vinho um nada mais escuro do que antes. E subo ao telhado.

Muitas vezes, ouço de novo as palavras de Korbec e, nelas, a minha história. Crystal, o meu amor, e Gerry, e uma noite de luzes e aranhas. Pareceu tudo tão certo naquele breve momento, quando me ergui sobre a ponte coberta de musgo, de arco na mão, e decidi. E correu tudo tão, tão *mal...*

... desde o momento em que acordei, após um mês de febres e visões, para me encontrar a mim próprio na torre para onde Crys e Gerry me tinham levado para me tratarem e devolverem a saúde. A minha decisão, a minha transcendente escolha, não foi tão terminal quanto eu poderia ter pensado.

Por vezes, pergunto-me se *foi* uma escolha. Falámos sobre isso, muitas vezes, enquanto eu recobrava energias, e a história que Crystal me conta não é a de que eu me lembro. Ela diz que nunca chegámos a ver a fêmea até ser demasiado tarde, que ela se deixou cair silenciosamente sobre o meu pescoço no momento em que atirei a flecha que matou o macho. Depois, diz ela, ela esmagou-a com a lanterna que Gerry lhe dera para segurar, e eu tombei para dentro da teia.

De facto, tenho uma ferida no pescoço, e nenhuma no tornozelo. E a história dela tem um toque de verdade. Pois vim a saber, no lento fluir dos anos desde aquela noite, que as aranhas-dos-sonhos são assassinas furtivas que se deixam cair sobre as suas presas desprevenidas.

Elas não carregam sobre árvores caídas como frenéticos ferricornes; não é a forma de agir das aranhas.

Nem Crystal nem Gerry têm qualquer memória de uma coisa branca e alada que se agitava na teia.

Eu, porém, lembro-me nitidamente... tal como me lembro da ara-

nha-fêmea que correu para mim durante os anos sem fim em que fiquei paralisado... mas aí... dizem que uma mordidela de uma aranha-dos-sonhos faz-nos coisas estranhas à mente.

Deve ser esse o caso, claro.

Por vezes, quando Squirrel vem atrás de mim a subir as escadas, arranhando os tijolos cheios de fuligem com as suas oito pernas brancas, a falsidade de tudo aquilo bate-me, e eu percebo que lidei com sonhos durante demasiado tempo.

Porém, os sonhos são muito frequentemente melhores do que o acordar, as histórias são muito melhores do que as vidas.

Crystal não voltou para mim, nem nessa altura, nem nunca. Eles partiram quando eu fiquei bom. E a felicidade que eu lhe traria com a escolha que não era uma escolha e o sacrifício que não era um sacrifício, a minha dádiva para ela para sempre — durou menos de um ano. Korbec diz-me que ela e Gerry romperam violentamente, e desde aí ela deixou o Mundo de Jamison.

Suponho que deve ser verdade, se se puder acreditar num homem como Korbec. Não me preocupo demasiado com isso.

Apenas mato aranhas-dos-sonhos, bebo vinho, afago Squirrel. E todas as noites subo esta torre de cinzas para contemplar luzes distantes.

INTRODUÇÃO E SETE VEZES NUNCA MATEIS UM HOMEM

«E Sete Vezes Nunca um Mateis Homem» foi escrito em 1974 e publicado em 1975. Valeu-me a minha segunda capa da Analog desse ano (uns meses antes, uma magnífica pintura de Jack Gaughan ilustrara o número que continha «The Storms of Windhaven», uma colaboração entre mim e Lisa Tuttle), com um deslumbrante John Schoenherr que eu gostaria de ter comprado. Os Anjos de Aço foram criados como resposta ao Dorsai de Gordy Dickson, embora a expressão «Anjo de Aço» venha de uma canção de Kris Kristofferson. O deus deles, a pálida criança com a espada, tinha uma linhagem mais antiga e mais incerta: era um dos sete deuses tenebrosos do mito que concebi para o Dr. Weird, tal como é observado em «Only Kids Are Afraid of The Dark». O título é tirado dos Livros da Selva, de Kipling, claro, e foi tão elogiado quanto a história. Posteriormente, diversos outros autores, todos admiradores de Kipling, afirmaram que estavam aborrecidos por não terem pensado nele primeiro.

«E Sete Vezes Nunca Mateis um Homem» foi nomeado para o Prémio Hugo como a Melhor Novela curta de 1974. «Storms of Windhaven» também esteve na corrida para Melhor Novela, nesse mesmo ano. No «Big Mac», o congresso da ficção científica de 1976, em Kansas City, ambas as histórias perderam a poucos minutos uma da outra (a primeira para Larry Nive, que logo deixou cair e partiu o seu Hugo, a última para Roger Zelazny). Na noite seguinte, com a cumplicidade de Gardner Dozois e armado com um jarro de vinho branco ordinário que ficara da festa de outra pessoa qualquer, lancei a primeiríssima Festa dos Perdedores do Hugo, no meu quarto do Hotel Muehlbach. Foi a melhor festa do congresso, que se veio a tornar, em anos posteriores, uma tradição do congresso mundial de ficção científica, embora, recentemente, alguns tipos sem humor tenham insistido em mudar-lhe o nome para «Festa dos Nomeados para o Hugo».

E SETE VEZES NUNCA MATEIS UM HOMEM

Vós podeis matar para vós próprios,
E para as vossas companheiras,
E para os vossos filhos até precisarem,
vós podeis;

Mas não mateis pelo prazer de matar,
E sete vezes nunca mateis um Homem!

— Rudyard Kipling

As crianças Jaenshi estavam penduradas, do lado de fora das muralhas, numa fiada de pequenos corpos peludos e cinzentos, quietos e imóveis, na extremidade de longas cordas. O mais velho dentre eles fora chacinado antes de ser enforcado; aqui um macho decapitado oscilava de cabeça para baixo, o laço em volta dos pés, enquanto acolá balançava a carcaça de uma fêmea, queimada por uma explosão. Mas a maior parte deles, os bebês de pelo escuro com os seus grandes olhos dourados, a maior parte deles fora, simplesmente, enforcada. Perto do anoitecer, quando o vento vinha a redemoinhar desde as colinas irregulares, os corpos das crianças mais leves contorcer-se-iam na ponta das suas cordas e bateriam contra as muralhas da cidade, como se estivessem vivos e pedissem para entrar.

Mas os guardas das muralhas não prestavam atenção aos ruídos surdos que eles produziam quando faziam as suas implacáveis rondas, e os portões de metal enferrujado não se abriam.

— Acreditas no mal? — perguntou Arik neKrol a Jannis Ryther enquanto olhavam para a Cidade dos Anjos de Aço da crista de uma colina das proximidades. A fúria estava estampada em todas as linhas do seu achatado rosto amarelo-acastanhado ao acocorar-se entre os cacos partidos do que fora, um dia, uma pirâmide de culto Jaenshi.

— O mal — murmurou Ryther, de forma distraída. Os seus olhos nunca se desviaram das muralhas de pedra vermelha lá em baixo, onde os corpos escuros das crianças se recortavam nitidamente. O sol estava a pôr-se, o gordo globo vermelho a que os Anjos de Aço chamavam o Coração de Bakkalon, e o vale abaixo deles, parecendo flutuar em brumas sangrentas.

— O mal — repetiu neKrol. O comerciante era um homem pequeno, atarracado, as suas feições eram decididamente mongoloides, exceto o cabelo vermelho chamejante que lhe caía quase até à cintura. — É um conceito religioso, e eu não sou um homem religioso. Há muito tempo, quando eu era uma criança em crescimento, em Ai-Emerel, decidi que não havia bem nem mal, apenas formas diferentes de pensar. — As suas pequenas mãos macias tatearam em volta até terem encontrado um grande caco dentado que lhe enchia o punho. Levantou-se e ofereceu-o a Ryther. — Os Anjos de Aço fizeram-me acreditar de novo no mal — disse ele.

Ela tomou o fragmento das mãos dele sem uma palavra e girou-o nas suas mãos. Ryther era muito mais alta do que neKrol, e muito mais magra; uma mulher dura e ossuda, com um rosto comprido, cabelo curto preto e olhos sem expressão. O macacão manchado de suor que usava pendia, largo, da sua fraca figura.

— Interessante — disse ela finalmente, após estudar o fragmento durante vários minutos. Era duro e macio como o vidro, mas mais forte; a sua cor era um vermelho translúcido, porém tão escuro que era quase preto. — Um plástico? — perguntou ela, arremessando-o para o chão.

NeKrol encolheu os ombros.

— Essa era a minha própria sugestão, mas, claro, é impossível. Os Jaenshi trabalham osso e madeira, e por vezes metal, mas o plástico está séculos para além deles.

— Ou para trás deles — disse Ryther. — Dizes que estas pirâmides de culto estão espalhadas por toda a floresta?

— Sim, até onde consegui alcançar. Mas os Anjos de Aço esmagaram todas aquelas que estavam junto ao vale para expulsarem os Jaenshi. Quando se expandirem, e *vão* expandir-se, esmagarão outras.

Ryther assentiu. Olhou novamente para o vale lá em baixo e, enquanto o fazia, o último pedaço do Coração de Bakkalon deslizou por baixo das montanhas ocidentais e as luzes da cidade começaram a acender-se. As crianças Jaenshi oscilavam em charcos de luz azul pálido, e, mesmo por

cima dos portões da cidade, duas figuras esguias poderiam ser vistas a trabalhar. Em breve, tinham lançado qualquer coisa para o lado de fora, uma corda desenrolada, e depois mais uma pequena sombra escura embateu e contorceu-se contra a muralha.

— Porquê? — disse Ryther, numa voz fria, observando.

NeKrol era tudo menos frio.

— Os Jaenshi tentaram defender uma das suas pirâmides. Lanças e facas e pedras contra os Anjos de Aço, com lasers, explosivos e armas-de-guicho-dissuasor. Mas apanharam-nos desprevenidos, mataram um homem. O Procurador anunciou que não mais aconteceria. — Cuspiu. — O mal. As crianças confiavam neles, estás a ver?

— Interessante — disse Ryther.

— Podes fazer alguma coisa? — perguntou neKrol com a voz agitada. — Tens a tua nave, a tua tripulação. Os Jaenshi precisam de um protetor, Jannis. Estão indefesos face aos Anjos.

— Tenho quatro homens na minha tripulação — disse Ryther, sem expressão. — Bem como talvez quatro lasers de caça. — Foi tudo o que ela respondeu.

NeKrol olhou para ela, desamparado.

— Nada?

— Amanhã, talvez, o Procurador chamar-nos-á. Viu, seguramente, a descida das *Luzes*. Talvez os Anjos queiram negociar. — Ela olhou de novo para o vale. — Anda, Arik, temos de voltar para a tua base. Os artigos para comerciar têm de ser carregados.

Wyatt, Procurador dos Filhos de Bakkalon no Mundo de Corlos, era alto, vermelhusco e esquelético, e os seus músculos sobressaíam-lhe nitidamente nos braços nus. O seu cabelo preto-azulado estava cortado muito curto, o seu porte era rígido e direito. Como todos os Anjos de Aço, usava um uniforme de tecido camaleão (castanho-claro naquele momento, quando recebia em cheio a luz do dia, na orla do pequeno e tosco campo de aterragem), um cinto de malha de aço com laser de mão, comunicador e arma-de-guicho-dissuasor, e uma rígida gola Romana, vermelha. A minúscula figura que estava suspensa de uma corrente junto ao seu pescoço — uma pálida criança Bakkalon, nua e inocente, de olhos cintilantes, mas exibindo uma grande espada negra num dos pequenos punhos — era o único sinal da patente de Wyatt.

Quatro outros Anjos estavam atrás dele: dois homens e duas mulheres, todos vestidos de forma idêntica. Havia uma sensação de mesmidade também nos seus rostos; o cabelo, sempre cortado rente, quer fosse louro, ruivo ou castanho, os olhos atentos, frios e um tanto fanáticos, a postura muito direita que parecia caracterizar os membros da seita militar-religiosa,

os corpos firmes e musculados. NeKrol, que era suave, desleixado e mole, tinha aversão a tudo o que dissesse respeito aos Anjos.

O Procurador Wyatt chegara muito pouco tempo depois de o sol nascer, enviando um dos membros do seu pelotão bater à porta da pequena bolha cinzenta pré-fabricada que constituía a casa e a base do comércio de neKrol. Ensonado e zangado, mas com uma cortesia contida, o comerciante levantara-se para saudar os Anjos, e acompanhara-os até ao centro do campo de aterragem, onde a arranhada lágrima metálica que era o *Luzes de Jolostar* se alapardava sobre três pernas retrácteis.

As portas de carga estavam seladas; a tripulação de Ryther passara a maior parte da noite a descarregar os artigos para o comércio de neKrol e a substituí-los na plataforma da nave por caixas com artefactos Jaenshi que poderiam render bom dinheiro vendidos aos colecionadores de arte extraterrestre. Não havia maneira de saber até um negociante ter olhado para os artigos; Ryther deixara ali neKrol havia apenas um ano, e aquele era o primeiro carregamento.

— Sou comerciante independente e Arik é o meu agente neste mundo — disse Ryther ao Procurador, quando se encontrou com ele na orla do campo. — Tens de negociar através dele.

— Estou a ver — disse o Procurador Wyatt. Ainda segurava a lista, que entregara a Ryther, com os bens que os Anjos queriam das colónias industrializadas, em Avalon e no Mundo de Jamison. — Mas neKrol não vai negociar connosco.

Ryther olhou para ele sem expressão.

— Por uma boa razão — disse neKrol. — Eu negocio com os Jaenshi, vocês chacinam-nos.

O Procurador falara frequentemente com neKrol nos meses após os Anjos de Aço terem estabelecido a sua cidade-colónia, e as conversas tinham acabado todas em discussões; agora, ignorava-o.

— Os passos que demos eram necessários — disse Wyatt a Ryther. — Quando um animal mata um homem, o animal tem de ser castigado, e os outros animais têm de ver e aprender, para que as feras saibam que o homem, a semente da Terra e filho de Bakkalon, é o senhor e amo de todos eles.

NeKrol bufou.

— Os Jaenshi não são animais, Procurador, são uma raça inteligente, com a sua própria religião, arte e costumes, e eles...

Wyatt olhou-o.

— Eles não têm alma. Apenas os filhos de Bakkalon têm almas, apenas as sementes da Terra. A inteligência que eles possam ter é relevante apenas para ti, e talvez para eles. Sem alma, são animais.

— Arik mostrou-me as pirâmides de culto que eles constroem — disse

Ryther. — Certamente que as criaturas que constroem tais santuários têm de ter almas.

O Procurador abanou a cabeça.

— A tua crença está errada. Está claramente escrito no Livro. Nós, seres da Terra, somos os verdadeiros filhos de Bakkalon, e não outros. O resto são animais e, em nome de Bakkalon, temos de afirmar o nosso domínio sobre eles.

— Muito bem — disse Ryther. — Mas receio que terão de afirmar o vosso domínio sem a ajuda do *Luzes de Jolostar*. E devo informar-te, Procurador, que acho as tuas ações seriamente perturbantes e tenciono apresentar queixa delas quando regressar ao Mundo de Jamison.

— Não esperava outra coisa — disse Wyatt. — Talvez para o ano que vem, ardas de amor por Bakkalon, e possamos falar outra vez. Até lá, o Mundo de Corlos sobreviverá. — Fez uma saudação e caminhou vivamente através do campo, seguido pelos quatro Anjos de Aço.

— De que serve apresentar queixa deles? — disse neKrol amargamente, depois de eles se terem ido.

— De nada — disse Ryther, olhando para a floresta. O vento levantava pó em volta dela, e os seus ombros afundaram-se, como se estivesse muito cansada. — Os Jamies não se vão ralar, e se se ralarem, que poderiam eles fazer?

NeKrol recordou o pesado livro com uma encadernação vermelha que Wyatt lhe dera uns meses antes.

— E Bakkalon, a criança pálida, criou os seus filhos do aço — citou ele — pois as estrelas quebrarão aqueles que sejam feitos de uma carne mais macia. E, na mão de cada criança, Ele colocou uma espada forjada, dizendo-lhes «Esta é a Verdade e o Caminho». — Cuspiu com repugnância. — Isto é a crença deles. E nós não podemos fazer nada?

O rosto dela não tinha qualquer expressão.

— Deixar-te-ei dois lasers. Ao longo de um ano, assegura-te de que os Jaenshi sabem como usá-los. Creio que sei qual o género de artigos de comércio que deverei trazer.

* * *

Os Jaenshi viviam em clãs (tal como neKrol pensou que viviam) de vinte ou trinta, cada um deles se dividindo, por igual, em adultos e crianças, tendo cada um deles a sua própria floresta e pirâmide de culto. Não edificavam; dormiam enrolados nas árvores em redor das suas pirâmides. Para comer, cortavam e recolhiam; sumarentos frutos pretos-azulados cresciam por toda a parte, e havia três variedades de bagas comestíveis, uma folha

alucinogénia, e uma raiz amarela oleosa que os Jaenshi escavavam para obter. NeKrol descobrira que eram também caçadores, embora raramente. Um clã poderia passar meses sem carne, enquanto os porcos silvestres castanhos se multiplicavam por toda a parte, escavando raízes e brincando com as crianças. Então, de repente, quando a população de porcos silvestres atingia um ponto crítico, os caçadores Jaenshi andavam calmamente entre eles, matando dois em cada três, e, nessa semana, haveria grandes churrascos de porco todas as noites, em volta da pirâmide. Poder-se-iam distinguir padrões similares com as lesmas de corpo branco que, por vezes, cobriam as árvores de fruto como uma praga, até os Jaenshi os reunirem num guisado, e com os pseudomonges roubadores de fruta que assombavam os ramos mais altos.

Até ali, como neKrol poderia dizer, não havia predadores nas florestas dos Jaenshi. Nos primeiros meses que passou no mundo deles, usara uma longa faca de mola e um laser de mão quando andava de pirâmide em pirâmide, na sua rota comercial. Mas nunca encontrara nada, nem mesmo remotamente, hostil, e, agora, a faca estava na cozinha, partida, e perdera o laser havia muito.

No dia após a partida do *Luzes de Jolostar*, neKrol foi de novo armado para a floresta, com um dos lasers de caça de Ryther pendurado no ombro.

A menos de dois quilómetros da sua base, neKrol encontrou o acampamento dos Jaenshi a que ele chamava o povo da catarata. Viviam encostados a um dos lados da encosta densamente coberto por arvoredo, onde um riacho de água branca-azulada tombava, deslizando e ressaltando na descida, dividindo-se e voltando a reunir-se uma e outra vez, pelo que a encosta era uma intrincada teia cintilante de quedas de água, rápidos, lagoas, e cortinas de água pulverizada. A pirâmide de culto do clã estava situada na lagoa mais perto do fundo, sobre uma laje de pedra cinzenta, no meio dos redemoinhos: mais alta do que a maior parte das pirâmides Jaenshi, chegava ao queixo de neKrol, parecendo infinitamente pesada, sólida e inamovível, um bloco de três faces, vermelho-escuro, escuro.

NeKrol não foi enganado. Vira outras pirâmides feitas em pedaços pelos lasers dos Anjos de Aço e destruídas pelas chamas dos seus explosivos; fossem quais fossem os poderes que as pirâmides pudessem ter no mito Jaenshi, quaisquer que fossem os mistérios que estavam por trás da sua origem, não eram suficientes para satisfazer as espadas de Bakkalon.

A clareira em volta da lagoa da pirâmide estava animada pela luz do sol quando neKrol entrou, e as longas ervas oscilavam numa leve brisa, mas a maior parte do povo da catarata estava noutra sítio. Talvez nas árvores, trepando, acasalando e puxando frutos, ou percorrendo as florestas da sua colina. O comerciante, quando chegou, encontrou apenas umas quantas

crianças que montavam um porco silvestre, na clareira. Sentou-se para esperar, aquecido pela luz do sol.

Em breve, apareceu o velho falador.

Sentou-se junto de neKrol, um pequeno Jaenshi enrugado com apenas umas quantas zonas de pelo branco-acinzentado, sujo, para lhe esconder as pregas da pele. Era desdentado, desunhado, fraco; mas os seus olhos, grandes e dourados, sem pupilas como os de qualquer Jaenshi, eram ainda atentos, vivos. Ele era o falador do povo da catarata, aquele que estava em comunicação mais próxima com a pirâmide de culto. Todos os clãs tinham um falador.

— Tenho uma coisa nova para negociar — disse neKrol, na suave fala arrastada dos Jaenshi. Aprendera a falar a língua em Avalon, antes de ter ido para ali. Thomas Chung, o lendário linguista de Avalon, decifrara-a havia séculos, quando o Levantamento de Kleronomas passou por aquele mundo. Nenhum outro humano visitara Jaenshi desde então, mas os mapas de Kleronomas e a análise do padrão da língua de Chung permaneceram vivos nos computadores do Instituto para o Estudo da Inteligência Não-Humana de Avalon.

— Fizemos mais estátuas para ti, modelámos novas madeiras — disse o velho falador. — Que trouxeste? Sal?

NeKrol tirou a sua mochila, pousou-a e abriu-a. Tirou um dos paralelepípedos de sal que levava e colocou-o diante do velho falador.

— Sal — disse ele. — E mais. — Pousou a arma de caça à frente do Jaenshi.

— Que é isto? — perguntou o velho falador.

— Conheces os Anjos de Aço? — perguntou neKrol.

O outro assentiu com a cabeça, um gesto que neKrol lhe ensinara.

— Os ímpios que fogem do vale da morte falam deles. São eles que fazem os deuses ficarem em silêncio, os partidores de pirâmides.

— Isto é um instrumento como os que os Anjos de Aço usam para partir as vossas pirâmides — disse neKrol. — Estou a oferecer-to para troca.

O velho falador ficou sentado, muito quieto.

— Mas nós não queremos partir pirâmides — disse ele.

— Este instrumento pode ser utilizado para outras coisas — disse neKrol. — A seu tempo, os Anjos de Aço podem vir até aqui para partirem a pirâmide do povo da catarata. Se, nessa altura, tiverem instrumentos como este, podem impedi-los. O povo da pirâmide do anel-de-pedra tentou impedir os Anjos de Aço com lanças e pedras, e agora estão dispersos e loucos e os seus filhos estão pendurados, mortos, nas muralhas da Cidade dos Anjos de Aço. Outros clãs de Jaenshi não resistiram, porém agora

também são ímpios e sem terra. Virá o tempo em que o povo da catarata precisará deste instrumento, velho falador.

O ancião Jaenshi ergueu o laser e girou-o com curiosidade nas suas pequenas mãos contorcidas.

— Temos de orar sobre isto — disse ele. — Fica Arik. Esta noite, dir-te-emos, quando o deus olhar para nós. Até lá, devemos negociar. — Ergueu-se abruptamente, olhou de relance para a pirâmide, no meio da lagoa, e desapareceu na floresta, ainda a agarrar no laser.

NeKrol suspirou. Tinha uma longa espera pela frente; as assembleias de oração nunca se realizavam antes do pôr-do-sol. Mudou-se para a beira da lagoa e desapertou os atacadores das pesadas botas para meter os seus pés suados e calosos na água fria e tonificante.

Quando levantou os olhos, o primeiro entalhador chegara; uma ágil e pequena jovem Jaenshi com um toque arruivado na pelagem do corpo. Silenciosa (eram todos silenciosos na presença de neKrol, todos menos o falador), ofereceu-lhe o seu trabalho.

Era uma estatueta, não maior do que o seu punho, uma deusa da fertilidade, de seios enormes, feita da fragrante madeira azul com finíssimos veios das árvores de fruto. Sentou-se de pernas cruzadas numa base triangular e três finos fragmentos de osso ergueram-se a cada canto do triângulo, para se juntarem acima da sua cabeça numa bolha de argila.

NeKrol pegou na escultura, virou-a num e noutro sentido, e assentiu em aprovação. A Jaenshi sorriu e desapareceu, levando o paralelepípedo de sal com ela. Muito depois de ela se ter ido embora, neKrol continuou a admirar a sua aquisição. Fizera trocas durante toda a sua vida, tendo passado dez anos entre os Gethsoides com rosto de lula de Aath e quatro com os esqueléticos Fyndii, fazendo um circuito comercial por meia dúzia de planetas da Idade da Pedra que, um dia, tinham sido mundos escravizados pelo Império Hrangan, agora destruído; mas em lado nenhum encontrara artistas como os Jaenshi. Perguntou-se, não pela primeira vez, por que razão nem Kleronomas nem Chung tinham mencionado as esculturas nativas. Estava contente, porém, por não o terem feito, e bastante seguro de que, assim que os negociantes vissem as caixas com os deuses de madeira que ele enviara através de Ryther, o mundo seria inundado por comerciantes. Tal como as coisas aconteceram, ele fora enviado para ali numa base inteiramente especulativa, na esperança de descobrir uma droga, erva ou licor Jaenshi que rodasse bem no comércio estelar. Em vez disso, descobrira a arte, como a resposta a uma oração.

Outros artesãos vieram e foram, à medida que a manhã se transformava em tarde e a tarde em crepúsculo, pousando os seus artefactos diante dele. Olhava para cada um deles cuidadosamente, ficando com uns e

rejeitando outros, pagando aqueles com que ficava com sal. Antes de ter ficado completamente escuro, um pequeno monte de artigos elevava-se junto da sua mão direita; um conjunto de facas de pedra vermelha, um sudário feito com o pelo de um ancião Jaenshi e tecido pela sua viúva e amigas (com o rosto dele lavrado com os cabelos dourados e sedosos de um pseudomonge), uma lança de osso com inscrições que fizeram lembrar a neKrol as runas da lenda da Velha Terra; e estátuas. As estátuas eram sempre as suas preferidas; a arte alienígena estava muitas vezes fora do alcance da compreensão, mas os artesãos Jaenshi tinham o poder de o emocionar. Os deuses que esculpiam, cada um deles colocado sobre uma pirâmide de osso, possuíam rostos Jaenshi, mas, ao mesmo tempo, pareciam arquetipicamente humanos: deuses da guerra de rosto severo, coisas que se pareciam estranhamente com sátiros, deusas da fertilidade como a que ele comprara, guerreiros quase-homens e ninfas. NeKrol desejava, muitas vezes, ter tido formação em Antropologia, para que pudesse escrever um livro sobre os universais do mito. Os Jaenshi tinham, certamente, uma mitologia rica, embora os faladores nunca falassem sobre ela; nada mais poderia explicar as esculturas. Talvez os velhos deuses já não fossem adorados, mas continuavam a ser lembrados.

Quando o Coração de Bakkalon se pôs e os últimos raios avermelhados cessaram de ser filtrados pelas árvores que se elevavam, neKrol reunira tantas coisas quanto poderia transportar, e o seu sal esgotara-se. Apertou de novo os atacadores das botas, empacotou as suas aquisições com mil cuidados, e sentou-se pacientemente sobre as ervas junto da lagoa, à espera. Um a um, o povo da catarata juntou-se-lhe. Por fim, o velho falador regressou.

Iniciaram-se as orações.

O velho falador, com o laser ainda na sua mão, chapinhou cuidadosamente ao longo das águas noturnais, para se acocorar junto do vulto negro da pirâmide. Os outros, adultos e crianças, que agora somavam uns quarenta, escolheram locais sobre as ervas perto das margens, atrás e em redor de neKrol. Tal como ele, olhavam por cima da lagoa para a pirâmide e para o falador, nitidamente recortados à luz de uma lua imensa que acabara de nascer. Pousando o laser sobre a pedra, o velho falador comprimiu ambas as palmas das mãos contra o lado da pirâmide, e o seu corpo pareceu ficar hirto, enquanto todos os outros Jaenshi também se contraíam e ficavam muito silenciosos.

NeKrol remexeu-se, inquieto, e lutou contra um bocejo. Não era a primeira vez que assistia a uma oração ritual e conhecia a rotina. Tinha pela frente uma boa hora de tédio; o culto dos Jaenshi era silencioso e não havia nada para ouvir que não fosse a respiração regular deles, nada havia para ver que não fossem os seus quarenta rostos impassíveis. Suspirando, o co-

merciante tentou relaxar, fechando os olhos e concentrando-se na erva macia por baixo dele e na brisa morna que lhe agitava a cabeleira desgrenhada. Ali, por breves momentos, encontrou paz. Quanto tempo duraria essa paz, meditou ele, se os Anjos de Aço deixassem o seu vale...

Passou uma hora, mas neKrol, absorto nos seus pensamentos, quase não deu pelo tempo passar. Até que, subitamente, ouviu murmúrios e conversas em volta dele, à medida que o povo da catarata se erguia e voltava para a floresta. E, então, o velho falador perfilou-se diante dele e pousou o laser aos seus pés.

— Não — disse ele, simplesmente.

NeKrol espantou-se.

— O quê? Mas têm de fazer isto. Deixem-me mostrar o que isso pode fazer...

— Eu tive uma visão, Arik. O deus mostrou-se. Mas também me mostrou que não seria bom aceitar isto como troca.

— Velho Falador, os Anjos de Aço virão...

— Se vierem, o nosso deus falará com eles — disse o ancião Jaenshi, na sua fala arrastada, mas a sua voz branda era terminante e os seus grandes olhos líquidos não permitiam apelo.

* * *

— Pela nossa comida, agradecemos a nós próprios, a mais ninguém. É nossa porque trabalhámos para a obter, é nossa porque lutámos por ela, é nossa pela única lei: a lei dos fortes. Mas por essa força — pelo poder dos nossos braços e o aço das nossas espadas e o fogo dos nossos corações —, agradecemos a Bakkalon, a pálida criança, que nos deu vida e nos ensinou como mantê-la.

O Procurador perfilava-se rigidamente no centro das cinco enormes mesas de madeira que se estendiam a todo o comprimento do grande refeitório, pronunciando cada palavra de agradecimento com dignidade solene. As suas grandes mãos sulcadas por veias uniram-se apertadamente, enquanto falava, contra a parte lisa da espada projetada para cima, e a obscuridade reduzira o seu uniforme quase a negro. Em volta dele, os Anjos de Aço estavam sentados e atentos, com a comida intacta diante deles: tubérculos cozidos em gordura, pedaços fumegantes de carne de porco silvestre, pão negro, taças de neo-ervas verdes e crocantes. As crianças abaixo da idade de combate, que era aos dez, com cerimoniosas batas brancas e os omnipresentes cintos de malha de aço, enchiam as mesas mais periféricas, por baixo de janelas que eram como fendas; as crianças mais pequenas lutavam para se sentarem sob os olhos vigilantes de severos pais-de-família

de nove anos, com bastões de madeira dura nos cintos. Mais para dentro, a irmandade de combate, completamente armada, estava sentada ao longo de duas mesas igualmente compridas, homens e mulheres alternados, veteranos vestidos de couro junto de rapazes de dez anos, que tinham acabado de se mudar do dormitório das crianças para as casernas. Todos eles usavam o mesmo tecido camaleónico que Wyatt, embora sem a sua gola, e alguns tinham botões de patente. A mesa do centro, com menos de metade do comprimento das outras, exibia a estrutura dos Anjos de Aço; os pais-de-pelotão e mães-de-pelotão, os mestres de armas, os curadores, os quatro bispos-de-campo, todos aqueles que tinham a alta gola rígida, carmesim. E, à cabeça, o Procurador.

— Comamos — disse finalmente Wyatt. A sua espada moveu-se em volta da mesa com um silvo, descrevendo o golpe da bênção, e ele sentou-se para comer. O Procurador, como todos os outros, estivera na fila que irrompia para além da cozinha e desembocava no refeitório, e a sua dose não era maior do que a do mais ínfimo membro da irmandade.

Ouviu-se um tilintar de facas e garfos, e o raro bater de um prato, e, de vez em quando, a bordoadada de um bastão, quando algum pai-de-família punia uma transgressão da disciplina de um dos seus custodiados; tirando isso, o salão estava em silêncio. Os Anjos de Aço não falavam durante as refeições, preferiam meditar nas lições do dia enquanto consumiam a sua ração espartana.

Depois, as crianças — ainda em silêncio — marchavam para fora do salão e regressavam ao dormitório. A irmandade de combate saía a seguir, alguns para a capela, a maior parte para as casernas, uns quantos para montarem guarda às muralhas. Os homens que esses iam render encontrariam as suas refeições ainda quentes, na cozinha.

O corpo de oficiais permaneceu; depois de os pratos terem sido levantados, a refeição transformou-se em reunião do quadro.

— À vontade — disse Wyatt, mas as figuras ao longo da mesa pouco relaxaram, se chegaram a relaxar. O relaxamento fora-lhes já expurgado. O Procurador pousou os olhos num deles.

— Dhallis — disse ele — tens o relatório que requeri?

O Bispo-de-campo Dhallis assentiu. Era uma mulher rouca de meia-idade, com músculos grossos e pele cor de couro castanho. Na sua gola havia uma pequena insígnia de aço, um chip de memória decorativo que significava Serviços Informáticos.

— Sim, Procurador — disse ela numa voz dura e precisa. — O Mundo de Jamison é uma colónia de quarta-geração, colonizada sobretudo a partir do Velho Poseidon. É constituído por um grande continente, quase inteiramente inexplorado, e mais de doze mil ilhas de várias dimensões. A

população humana está concentrada quase inteiramente nas ilhas, e vive do cultivo do mar e da terra, da aquicultura e da indústria pesada. Os oceanos são ricos em alimentos e metais. A população total é de cerca de setenta e nove milhões. Há duas grandes cidades, ambas com aeroportos espaciais: Port Jamison e Jolostar. — Baixou os olhos para a cópia impressa sobre a mesa. — O Mundo de Jamison não foi sequer cartografado no tempo da Guerra Dupla. Nunca conheceu ação militar e as únicas forças armadas deles são a sua polícia planetária. Não tem programa colonial e nunca reivindicou qualquer jurisdição política fora da sua própria atmosfera.

O Procurador acenou em assentimento.

— Excelente. Então, a ameaça de queixa do comerciante é basicamente uma ameaça vazia. Podemos continuar. Pai-de-pelotão Walman?

— Hoje foram apanhados quatro Jaenshi, e estão já nas muralhas — reportou Walman. Era um jovem rosado com cabelo louro cortado à escovinha e grandes orelhas. — Se me der licença, senhor, requereria discussão sobre o possível fim da campanha. Todos os dias temos de procurar mais por cada vez menos. Limpámos, virtualmente, todos os jovens Jaenshi dos clãs que habitavam originalmente o Vale da Espada.

Wyatt assentiu.

— Outras opiniões?

O Bispo-de-campo Lyon, muito magro e de olhos azuis, indicou divergência.

— Os adultos continuam vivos. Os animais adultos são mais perigosos que os jovens, Pai-de-pelotão.

— Não neste caso — disse o Mestre de Armas C'ara DaHan. DaHan era um homem gigantesco, cor de bronze, chefe do Armamento Psicológico e Serviço de Informações sobre o Inimigo. — Os nossos estudos mostram que, uma vez destruída a pirâmide, nem os adultos nem os imaturos Jaenshi constituem qualquer ameaça para os filhos de Bakkalon. A sua estrutura social desintegra-se por completo. Os adultos fogem, na esperança de se juntarem a outro clã, ou regressam a um estado de selvajaria quase animal. Abandonam os jovens, a maior parte dos quais subsistem por si próprios num estado de confusão e não oferecem qualquer resistência quando os apanhamos. Considerando o número de Jaenshi nas nossas muralhas, e outros que nos asseguram terem sido mortos por predadores ou uns aos outros, tenho a forte impressão que o Vale da Espada está virtualmente limpo de animais. O inverno está a chegar, Procurador, e há muita coisa que tem de ser feita. Ao Pai-de-pelotão Walman e aos seus homens, deverão ser atribuídas outras tarefas.

Houve mais discussão, mas o tom estava dado; a maioria dos oradores apoiou DaHan. Wyatt escutou cuidadosamente e, enquanto isso,

rezou para pedir a orientação de Bakkalon. Por fim, pediu silêncio com um gesto.

— Pai-de-pelotão — disse ele a Walman — amanhã juntem todos os Jaenshi — tanto adultos como crianças — que conseguirem, mas não os enforcem se eles não resistirem. Em vez disso, tragam-nos para a cidade e mostrem-lhes os seus irmãos pendurados nas nossas muralhas. Depois, expulsem-nos do vale, um em cada direção da bússola. — Curvou a cabeça. — Espero que eles levem a mensagem a todos os Jaenshi sobre o preço que tem de ser pago quando a fera levanta a mão, ou a garra, ou a lâmina contra a semente da Terra. Depois, quando a primavera chegar e os filhos de Bakkalon se mudarem para lá do Vale da Espada, os Jaenshi abandonarão pacificamente as suas pirâmides e deixarão todas as terras que os homens requirem, para que a glória da pálida criança se possa espalhar.

Lyon e DaHan fizeram gestos de assentimento, entre outros.

— Fala-nos com sabedoria — disse então o Bispo-de-campo Dhallis.

O Procurador Wyatt anuiu. Uma das mães-de-pelotão de patente inferior levou-lhe o Livro, e ele abriu-o no Capítulo dos Ensinamentos.

— «Naquele tempo, tombara muito mal sobre a semente da Terra» — leu o Procurador — «pois os filhos de Bakkalon tinham-No abandonado para venerarem deuses mais brandos. Assim, os céus escureceram e, sobre eles, do cimo, vieram os Filhos de Hranga, com olhos vermelhos e dentes de demónio, e sobre eles, do cimo, veio a grande Horda dos Fyndii, como uma nuvem de lagostas que enegreceu as estrelas. E os mundos flamejaram e as crianças gritaram: “Salva-nos! Salva-nos!”

»E a pálida criança veio e ficou junto deles, com a Sua grande espada na Sua mão, e com uma voz de trovão Ele repreendeu-os. “Tendes sido fracos, filhos — disse-lhes Ele — pois tendes desobedecido. Onde estão as vossas espadas? Não pus eu espadas nas vossas mãos?”

»E as crianças gritaram: “Oh, Bakkalon, forjámos arados com elas!”

»E ele ficou amargamente zangado. “Com arados, então, deveis enfrentar os Filhos de Hranga! Com arados deveis destruir a Horda de Fyndii!” E deixou-os, e não mais ouviu o choro deles, pois o Coração de Bakkalon é um Coração de Fogo.

»Mas, então, um dentre a semente da Terra secou as suas lágrimas, pois os céus arderam tão vivamente que fugiram com os rostos escaldados. E a poeira-de-sangue ergueu-se nele e do arado forjou uma espada, e arremeteu contra os Filhos de Hranga, matando à sua passagem. Os outros viram e seguiram-no, e um grande grito de batalha ecoou pelos mundos.

»E a pálida criança ouviu, e veio de novo, pois o som da batalha é mais agradável para os Seus ouvidos do que o som dos lamentos. E quando Ele viu, sorriu. “Agora, sois de novo meus filhos” disse Ele à semente da Terra.

“Pois, vós haveis-vos virado contra mim para adorarem um deus que se chama a si mesmo um cordeiro, mas não sabeis que os cordeiros apenas servem para a matança? Porém, agora os vossos olhos veem claro, e sois novamente os Lobos de Deus!

»E Bakkalon deu de novo espadas a todos, a todos os Seus filhos, e à semente da Terra, e ergueu a sua grande lâmina negra, a Extirpadora-de-De-mónios que mata os ímpios, e fê-la oscilar. E os Filhos de Hranga tombaram perante o Seu poder, e a grande Horda que era a dos Fyndii ardeu diante do Seu olhar. E os filhos de Bakkalon varreram os mundos.»

O Porcurador levantou os olhos.

— Ide, meus irmãos de armas, e pensai nos Ensinamentos de Bakkalon enquanto dormis. Possa a pálida criança dar-vos grandes visões!

Foram autorizados a dispersar.

* * *

As árvores sobre a colina estavam nuas e esmaltadas com gelo, e a neve — intacta, exceto pelas pegadas deles e os remoinhos do ácido e cortante vento do norte — cintilava com uma brancura ofuscante ao sol do meio-dia. No vale abaixo, a Cidade dos Anjos de Aço parecia sobrenaturalmente limpa e quieta. Grandes amontoados de neve tinham-se acumulado contra as muralhas orientais, subindo até quase a meio pela forte pedra escarlate; os portões não eram abertos havia meses. Os filhos de Bakkalon tinham feito as colheitas, havia muito tempo, e tinham-se recolhido dentro da cidade para se aconchegarem junto das suas lareiras. Mas, pelas luzes azuis que ardiam até tarde na noite negra e fria e pelos guardas ocasionais que passavam sobre as muralhas, neKrol dificilmente saberia se os Anjos ainda estavam vivos.

A Jaenshi, em quem neKrol pensava como sendo a mais amarga das falantes, olhou para ele com olhos curiosamente mais escuros que o suave dourado dos seus irmãos.

— Por baixo da neve, o deus jaz destruído — disse ela, e até a tonalidade tranquilizadora da língua Jaenshi não poderia esconder a dureza que transparecia na sua voz. Estavam no mesmo lugar onde neKrol levara Ryther, uma vez, o lugar onde a pirâmide do povo do anel-de-pedra um dia se erguera. NeKrol estava metido da cabeça aos pés dentro de um fato térmico que lhe estava demasiado justo, acentuando todas as irregularidades desagradáveis. Olhou para o Vale da Espada por detrás de uma plastipelícula azul-escura no capuz do fato. Mas a Jaenshi, a mais amarga das falantes, estava nua, coberta apenas pelo denso pelo cinzento do seu revestimento de inverno. A correia do laser de caça passava-lhe entre os seios.

— Outros deuses para além do teu serão destruídos, a menos que os Anjos de Aço sejam impedidos — disse neKrol, a tremer, apesar do fato térmico.

A mais amarga das falantes pareceu mal ter ouvido.

— Eu era uma criança quando eles vieram, Arik. Se tivessem deixado o nosso deus, eu poderia ainda ser uma criança. Depois, quando a luz se apagou e o brilho morreu dentro de mim, vagueei longe do anel-de-pedra, para além da nossa própria floresta-natal; sem saber de nada, comendo onde conseguia. As coisas não são iguais no vale escuro. Os porcos silvestres grunham à minha passagem e carregavam sobre mim com as suas presas, fui ameaçada por outros Jaenshi que se ameaçam entre si. Não compreendia e não conseguia orar. Mesmo quando os Anjos de Aço me encontraram, não compreendia, e fui com eles para a cidade, sem saber nada sobre a sua fala. Lembro-me das muralhas, e das crianças, muitas delas muito mais novas do que eu. Então, gritei e lutei; quando vi aqueles que estavam pendurados nas cordas, algo de selvagem e ímpio se remexeu dentro de mim. — Os olhos dela observaram-no com atenção, olhos como bronze polido. Ela moveu-se afundada na neve até aos tornozelos, curvando a mão, como uma garra, sobre a correia do laser.

NeKrol ensinara-a bem desde o dia em que ela se lhe juntara, no final do verão, quando os Anjos de Aço a tinham expulsado do Vale da Espada. A amarga falante era, de longe, a melhor do seu grupo de seis, os desterrados ímpios que ele reunira e treinara. Era o único caminho; clã após clã, ele oferecera os lasers em troca, mas todos haviam recusado. Os Jaenshi estavam seguros de que os seus deuses os protegeriam. Apenas os que não tinham deus o escutavam, e não todos; muitos — as crianças mais novas, os tranquilos, os primeiros a fugir — tinham sido aceites noutros clãs. Mas outros, como a mais amarga das falantes, tinham-se tornado demasiado selvagens, tinham visto demasiado; já não encaixavam. Ela fora a primeira a ficar com a arma, depois de o velho falador a ter mandado embora do povo da catarata.

— Muitas vezes, é melhor não ter deuses — disse-lhe neKrol. — Aqueles que estão lá em baixo têm um deus, e isso fez deles o que são. E também os Jaenshi têm deuses, e porque têm fé neles, morrem. Vocês, ímpios sem deuses, são a única esperança deles.

A mais amarga das falantes não respondeu. Apenas olhou para a cidade silenciosa lá em baixo, sitiada pela neve, e os seus olhos brilharam com um fogo latente.

E neKrol observou-a, e interrogou-se. Dissera que ele e o seu grupo de seis eram a esperança dos Jaenshi; se era assim, haveria mesmo alguma esperança? Havia qualquer coisa de louco na mais amarga das falantes e

em todos os seus desterrados, uma raiva que o fazia tremer a ele. Mesmo se Ryther chegasse com os lasers, mesmo que um grupo tão pequeno pudesse parar a marcha dos Anjos, mesmo que tudo isso viesse a passar-se — que aconteceria depois? Se todos os Anjos morressem no dia seguinte, em que sítio os seus ímpios se encaixariam?

Ficaram ali, numa grande quietação, enquanto a neve se movia sob os seus pés e o vento do norte lhes mordida.

* * *

A capela estava escura e silenciosa. Globos chamejantes iluminavam com uma obscura e misteriosa luz vermelha ambos os cantos, e as filas de bancos de madeira maciça estavam vazias. Por cima do pesado altar, uma laje rude de pedra negra, Bakkalon erguia-se num holograma, tão real que quase respirava; um miúdo, um simples miúdo, nu e branco como o leite, com os grandes olhos e o cabelo louro de um jovem inocente. Na sua mão, do tamanho dele e mais metade, estava a grande espada negra.

Wyatt ajoelhou-se diante da projeção, com a cabeça baixa e muito quieto. Durante todo o inverno, os seus sonhos tinham sido obscuros e agitados, pelo que todos os dias se ajoelhava e pedia orientação. Não havia mais ninguém que pudesse procurar, a não ser Bakkalon; ele, Wyatt, era o Procurador, o que liderava na batalha e na fé. Apenas ele tinha de decifrar as suas visões.

Assim, lutou com os seus pensamentos diariamente, até as neves começarem a derreter e os joelhos do seu uniforme estarem quase a romper-se de tanto roçarem no chão. Por fim, decidira, e naquele dia convocara os oficiais seniores para se lhe juntarem na capela.

Entraram sozinhos, enquanto o Procurador se ajoelhava, imóvel, e escolheram lugares nos bancos atrás dele, cada um deles separado dos seus companheiros. Wyatt não deu conta; rezava apenas para que as suas palavras fossem acertadas e a sua visão fosse verdadeira. Quando estavam todos, pôs-se de pé e virou-se de frente para eles.

— Muitos são os mundos nos quais os filhos de Bakkalon têm vivido — disse-lhes ele — mas nenhum tão abençoado como este, o nosso Corlos. Vivemos uma grande época, meus irmãos de armas. A pálida criança veio até mim durante o sono, como um dia se apresentou aos primeiros Procuradores, nos anos de formação da irmandade. Ela deu-me visões.

Estavam em silêncio, todos eles, os seus olhos eram humildes e obedientes; ele era, afinal, o Procurador deles. Não poderia haver questionações quando alguém das altas patentes falava com sabedoria ou dava ordens. Esse era um dos preceitos de Bakkalon, que a cadeia de comando era

sagrada e nunca deveria ser posta em causa. Por isso, todos eles guardavam silêncio.

— O Bakkalon, Ele próprio, andou por este mundo. Andou entre os ímpios e os animais do campo e falou-lhes do nosso domínio, e isto me disse Ele: que, quando chegar a primavera e a semente da Terra se mudar do Vale da Espada para tomar novas terras, todos os animais deverão saber qual o seu lugar e retirar-se diante de nós. Isto eu profetizo!

»Mais: assistiremos a milagres. Isso também a pálida criança me prometeu, sinais através dos quais saberemos a Sua verdade, sinais que apoiarão a nossa fé com novas revelações. Mas também a nossa fé será posta à prova, porque será um tempo de sacrifícios, e Bakkalon chamar-nos-á, mais de uma vez, para mostrarmos a nossa confiança Nele. Temos de nos recordar dos Seus Ensinamentos e ser verdadeiros, e cada um de nós deve obedecer-Lhe como uma criança obedece ao pai e um lutador ao seu oficial: isto é, rapidamente e sem questionar. Porque a pálida criança sabe mais do que nós.

»Estas são as visões que Ele me assegurou, estes são os sonhos que sonhei. Irmãos, rezai comigo.

E Wyatt virou-se de novo e ajoelhou, e o resto ajoelhou com ele, e todas as cabeças se curvaram em oração, exceto uma. Nas sombras das traseiras da capela, onde os globos chamejantes tremeluziam tenuemente, C'ara DaHan olhava para o seu Procurador por trás de um carregado sobrolho saliente.

Nessa noite, após uma refeição silenciosa no refeitório e uma breve reunião de quadros, o mestre de armas convocou Wyatt para caminhar com ele nas muralhas.

— Procurador, a minha alma está agitada — disse-lhe ele. — Tenho de me aconselhar com quem está mais próximo de Bakkalon.

Wyatt assentiu e ambos vestiram pesadas capas de pele negra e roupa metálica escura, e juntos caminharam pelos parapeitos de pedra vermelha, sob as estrelas.

Perto da casa da guarda, que ficava por cima dos portões da cidade, DaHan parou e debruçou-se sobre o rebordo, procurando com os olhos, por longo tempo, a neve que lentamente se derretia, antes de os voltar para o Procurador.

— Wyatt — disse ele, por fim. — A minha fé é fraca.

O Procurador não disse nada, apenas observou o outro, o rosto ocultado pelo capuz da capa noturna. A confissão não fazia parte dos ritos dos Anjos de Aço; Bakkalon dissera que a fé de um lutador nunca deveria vacilar.

— Nos velhos tempos — dizia C'ara DaHan — muitas armas foram

usadas contra os filhos de Bakkalon. Algumas, hoje, apenas existem nas fábulas. Talvez nunca tivessem existido. Talvez sejam coisas vazias, como os deuses que os homens moles adoram. Eu sou apenas um mestre de armas; tal conhecimento não me pertence.

»Porém, existe uma fábula, meu Procurador — uma que me perturba. Uma vez, diz-se, nos longos séculos de guerra, os Filhos de Hragan soltaram sobre a semente da Terra abomináveis vampiros da mente, as criaturas a que os homens chamara sugadores de almas. O seu toque era invisível, mas alastrou-se ao longo de quilómetros, mais longe do que um homem conseguia ver, mais longe do que um laser podia disparar, e trouxe a loucura. Visões, meu Procurador, visões! Falsos deuses e planos loucos foram colocados nas mentes dos homens, e...

— Silêncio — disse Wyatt. A sua voz era dura, tão fria quanto o ar da noite, que estalava em volta deles e transformava a sua respiração em vapor.

Houve um longo interregno. Depois, numa voz mais calma, o Procurador continuou.

— Rezei durante todo o inverno, DaHan, e debati-me com as minhas visões. Sou o Procurador dos Filhos de Bakkalon no Mundo de Corlos, não uma criança recém-armada a quem falsos deuses vêm mentir. Falei só depois de ter a certeza. Falei como teu Procurador, como teu pai na fé e teu comandante. Que me tivesses questionado, Mestre de Armas, que tu tenhas duvidado — isso perturba-me muitíssimo. A seguir vais parar para discutir comigo no campo de batalha, para debater um ponto específico das minhas ordens?

— Nunca, Procurador — disse DaHan, ajoelhando-se em penitência sobre a neve compacta em cima do caminho.

— Espero que não. Mas, antes de te deixar partir, porque és meu irmão em Bakkalon, responder-te-ei, embora não precise de o fazer e de ter sido errado da tua parte ter esperado isso. Vou dizer-te isto: o Procurador Wyatt é um bom oficial, bem como homem devoto. A pálida criança fez-me profecias e previu que ocorrerão milagres. Todas essas coisas iremos ver com os nossos próprios olhos. Mas se as profecias não se realizarem, e se não surgirem sinais, bem, os nossos olhos também verão isso. E, então, saberei que não foi Bakkalon quem enviou as visões, mas apenas um falso deus, talvez um sugador de almas de Hranga. Ou pensas que um Hrangano consegue operar milagres?

— Não — disse DaHan, ainda de joelhos, com a sua grande cabeça calva pendida. — Isso seria heresia.

— De facto — disse Wyatt. O Procurador olhou por instantes para além das muralhas. A noite estava fria e revigorante e não havia lua. Sentiu-se transfigurado, e até as estrelas pareciam bradar a glória da pálida criança,

pois a constelação da Espada elevava-se no zénite, e a do Soldado estendia-se na direcção dela do local onde estava, sobre o horizonte.

— Esta noite, farás a ronda sem a tua capa — disse o Procurador a DaHan quando ele olhou de novo para baixo. — E que o vento do norte sopra e o frio te morda, rejubilarás na dor, pois isso será um sinal de que te submetes ao teu Procurador e ao teu deus. À medida que a tua pele ficar mais acidamente dormente, a chama do teu coração deve arder com mais calor.

— Sim, meu Procurador — disse DaHan. Perfilou-se e removeu a capa, entregando-a ao outro. Wyatt deu-lhe o golpe da benção.

* * *

No ecrã de parede dos seus aposentos obscurecidos, o drama gravado percorria os calculados passos familiares, mas neKrol, alapado sobre uma grande cadeira de repouso, com os olhos semicerrados, mal dava conta. A mais amarga das falantes e dois dos outros desterrados Jaenshi estavam sentados no chão, com os olhos dourados fixados no espetáculo de humanos a perseguirem-se e a dispararem uns contra os outros por entre as abóbadas das cidades-torre de Ai-Emerel; eles tinham começado a ficar cada vez mais curiosos acerca de outros mundos e de outras formas de vida. Era tudo muito estranho, pensou neKrol; o povo da catarata e os outros clãs Jaenshi nunca tinham demonstrado um tal interesse. Recordou tempos anteriores, antes da chegada dos Anjos de Aço na sua nave de guerra antiga e em estado de ruína, quando ele apresentara aos faladores Jaenshi todo o género de artigos para troca; rolos coloridos de seda cintilante de Avalon, joias de pedra-luz do Alto Kavalaan, facas de duraliga, geradores solares, arcos eléctricos de aço, livros oriundos de uma dezena de mundos, medicamentos e vinhos — ele trouxera um pouco de tudo. Os faladores ficavam com alguma coisa, de vez em quando, mas nunca com qualquer entusiasmo; a única oferta que os excitava era o sal.

Foi só quando chegaram as chuvas da primavera e a mais amarga das falantes começou a fazer-lhe perguntas, que neKrol percebeu, com um sobressalto, quão raramente qualquer um dos clãs Jaenshi alguma vez lhe perguntava fosse o que fosse. Talvez a estrutura social e a religião abafassem a sua natural curiosidade intelectual. Os desterrados eram decerto ávidos o suficiente, especialmente a mais amarga das falantes. NeKrol apenas conseguia responder a uma pequena porção das questões que ultimamente surgiam, e mesmo então ela sempre colocava outras que o deixavam perplexo. Começara a ficar horrorizado com a extensão da sua própria ignorância.

Mas, então, também a mais amarga das falantes ficava; ao invés dos Jaenshi que viviam em clãs — faria a religião uma diferença assim *tão* gran-

de? —, ela respondia também a perguntas, e neKrol tentara interrogá-la sobre muitas coisas acerca das quais cismava. Mas, a maior parte das vezes, ela apenas pestanejava, desorientada, e começava, ela própria, a questionar-se.

— Não há histórias sobre os nossos deuses — disse-lhe ela uma vez, quando ele tentara aprender alguma coisa sobre o mito Jaenshi. — Que género de histórias poderia haver? Os deuses vivem nas pirâmides de culto, Arik, e rezamos-lhes e eles velam por nós e iluminam as nossas vidas. Não andam por aí aos saltos e a lutar e a baterem-se uns aos outros como os vossos deuses parecem fazer.

— Mas vocês tiveram outros deuses, em tempos, antes de começarem a adorar as pirâmides — objetou neKrol. — Aqueles que os vossos entalhadores me fizeram. — Ele fora mesmo ao ponto de desempacotar alguns para lhe mostrar, embora ela seguramente se lembrasse, uma vez que o povo da pirâmide do anel-de-pedra figurasse entre os melhores artesãos.

Porém, a mais amarga das falantes apenas alisou a sua pele, abanando a cabeça.

— Eu era demasiado jovem para ser entalhadora, pelo que talvez não me tivessem contado — disse ela. — Todos sabemos aquilo que precisamos de saber, mas só os entalhadores precisam de fazer essas coisas, pelo que talvez apenas eles conheçam as histórias destes antigos deuses.

De outra vez, ele fizera-lhe perguntas sobre as pirâmides, e obtivera ainda menos.

— Construí-las? — dissera ela. — Nós não as construímos, Arik. Elas sempre existiram, como as pedras e as árvores. — Mas, aqui, ela pestanejou. — Mas elas não são como as pedras e como as árvores, pois não? — E, confundida, afastou-se para conversar com os outros.

Mas, se os Jaenshi ímpios eram mais meditativos que os seus irmãos dos clãs, eram também mais difíceis, e todos os dias neKrol compreendia cada vez mais a futilidade da sua empresa. Tinha agora com ele oito desterrados — tinham encontrado mais dois, meio mortos de fome, no pino do inverno — e todos eles faziam turnos para treinarem com os dois lasers e espiarem os Anjos. Mas, mesmo que Ryther voltasse com armamento, a sua força parecia irrisória contra o poderio que o Procurador poderia pôr em campo. O *Luzes de Jolostar* traria todo um carregamento de armas na expectativa de que todos os clãs num raio de cem quilómetros estivessem agora levantados e em fúria, prontos para resistirem aos Anjos de Aço e os esmagar pela força do número; Jannis ficaria boquiaberta quando neKrol e o seu esfarrapado bando a fossem saudar.

Se, de facto, fossem. Até isso era problemático; ele lutava com dificuldades para manter a sua guerrilha unida. O ódio que eles tinham aos Anjos de

Aço continuava a confinar com a loucura, mas estavam longe de constituir uma unidade coesa. Nenhum deles gostava muito de receber ordens, e brigavam constantemente, lançando-se uns aos outros de garras nuas em lutas pelo domínio social. Se neKrol não os tivesse avisado, suspeitava que pudessem mesmo fazer duelos com os lasers. Quanto a estarem em boa forma para combaterem, isso também era uma anedota. Das três fêmeas do bando, a mais amarga das falantes era a única que não se deixara engravidar. Uma vez que os Jaenshi davam à luz em ninhadas de quatro ou oito, neKrol calculou que, no final do verão, os desterrados conheceriam uma explosão demográfica. E ele sabia que haveria mais depois disso, pois controlo da natalidade era uma coisa que não existia entre os Jaenshi. Perguntou-se como é que os clãs mantinham as suas populações tão estáveis, mas os seus pupilos também não sabiam nada sobre isso.

— Suponho que temos menos sexo — disse a mais amarga das falantes quando ele lhe fez a pergunta — mas eu era uma criança, pelo que realmente não poderia saber. Antes de vir para aqui, nunca senti vontade. Era apenas uma jovem, achava eu. — Mas quando disse isto, ela coçou-se e pareceu muito insegura.

Suspirando, neKrol voltou a relaxar na cadeira de repouso e tentou abstrair-se do ruído do ecrã de parede. Iria ser tudo muito difícil. Os Anjos de Aço já tinham emergido das suas muralhas e os tanques-buldózeres rolavam, abaixo e acima, pelo Vale da Espada, transformando a floresta em terras de cultivo. Ele fora mesmo até ao cimo das colinas, e era fácil ver que a sementeira de primavera em breve estaria terminada. Então, suspeitou ele, os filhos de Bakkalon tentariam expandir-se. Ainda na semana anterior, um deles — um gigante «sem pelos na cabeça», como o seu batedor o descrevera — foi visto no anel-de-pedra, juntando fragmentos de uma pirâmide partida. Fosse qual fosse o significado daquilo, não poderia ser bom.

Por vezes, sentia-se doente com as forças que pusera em movimento, e quase desejava que Ryther se esquecesse dos lasers. A mais amarga das falantes estava determinada a atacar assim que estivessem armados, independentemente da desigualdade. Assustado, neKrol recordou-a da dura lição dos Anjos da última vez que um Jaenshi matara um homem; nos seus sonhos, ele ainda via as crianças nas muralhas.

Mas ela apenas o olhou, com a loucura estampada no olhar, e disse:

— Sim, Arik, eu lembro-me.

* * *

Silenciosos e eficazes, os rapazes da cozinha com as suas batas brancas levantaram os últimos pratos da noite e desapareceram.

— À vontade — disse Wyatt aos seus oficiais. Depois: — O tempo dos milagres está sobre nós, como a pálida criança predisse.

»Esta manhã enviei três pelotões para sudeste do Vale da Espada a fim de expulsarem os clãs Jaenshi das terras de que necessitamos. Recebi o seu relatório ao princípio da tarde, e agora quero partilhar convosco o que me relataram. Mãe-de-pelotão Jolip, quer relatar os acontecimentos que transpiraram quando executavam as vossas ordens?

— Sim, Procurador. — Jolip levantou-se, uma loura de pele branca com um rosto comprimido, de uniforme ligeiramente largo sobre um corpo magro. — Foi-me atribuído um pelotão de dez para desimpedir o chamado penhasco do clã, cuja pirâmide fica junto do sopé de um penhasco baixo de granito, na parte mais selvagem das colinas. A informação fornecida pelos nossos serviços de informações indicava que eles eram um dos clãs mais pequenos, com apenas vinte adultos, pelo que dispensei armamento pesado. Levámos, no entanto, um canhão de explosão da classe cinco, uma vez que a destruição das pirâmides Jaenshi é um trabalho lento apenas com armas secundárias, mas, tirando isso, o nosso armamento era uma questão estritamente regulamentar.

»Não esperávamos qualquer resistência, mas recordando o incidente do anel-de-pedra, fui cautelosa. Após uma marcha de uns doze quilómetros através das colinas até à proximidade do penhasco, dispersámo-nos num semicírculo e avançámos lentamente, com as armas-de-guincho-disuasor prontas. Foram encontrados uns quantos Jaenshi na floresta, que fizemos prisioneiros e pusemos a marchar à nossa frente, para utilizar como escudo no caso de uma emboscada ou ataque. Verificou-se, claro, que isso era desnecessário.

»Quando alcançámos a pirâmide, junto ao penhasco, estavam à nossa espera. Pelo menos, uns doze de entre os animais. Um deles estava perto da base da pirâmide pressionando as mãos contra ela, enquanto os outros o rodeavam numa espécie de círculo. Olharam todos para nós, mas não fizeram qualquer outra ação.

Parou durante um minuto e esfregou um dedo pensativo contra a parte lateral do nariz.

— Como contei ao Procurador, foi tudo muito estranho daí para a frente. No verão passado, chefei, por duas vezes, pelotões contra clãs Jaenshi. A primeira vez, sem fazer ideia das nossas intenções, nenhum dos seres sem alma estava lá; limitámo-nos a destruir o artefacto, e viemo-nos embora. A segunda vez, uma multidão de criaturas pulverizavam-se em redor e criavam-nos dificuldades ao mesmo tempo que não eram ativamente hostis. Não dispersaram até eu ter abatido um deles. E, claro, estudei os relatórios do Pai-de-pelotão Allor sobre as dificuldades no anel-de-pedra.

»Desta vez, foi tudo muito diferente. Ordenei a dois dos meus homens para assentarem os canhões de explosão nos respectivos tripés, e dei a entender aos animais que deviam sair do caminho. Por gestos, claro, uma vez que não sei nada da língua profana deles. Obedeceram de imediato, dividindo-se em dois grupos e, bem, pondo-se em fila de cada um dos lados da linha de fogo. Mantivemo-los cobertos com as nossas armas-de-guicho-dissuasor, claro, mas tudo parecia muito pacífico.

»E assim foi. A explosão rebentou com a pirâmide por completo, uma grande bola de fogo e depois uma espécie de trovão quando a coisa explodiu. Espalharam-se uns quantos fragmentos, mas ninguém ficou ferido, pois tínhamo-nos abrigado todos e os Jaenshi pareceram pouco preocupados. Depois de a pirâmide rebentar, sentiu-se um agudo cheiro a ozono, e, por um instante, pairou um fogo azulado — talvez o espectro de uma imagem. Mal tive tempo, porém, de reparar nele, uma vez que foi quando os Jaenshi se ajoelharam todos diante de nós. Todos de uma vez, meus senhores. E, depois, baixaram as cabeças contra o solo, prostrando-se. Pensei, por um momento, que estavam a tentar saudar-nos como deuses, porque tínhamos destruído o deus deles, e tentei dizer-lhes que não queríamos aquela adoração animal, e requeríamos apenas que deixassem imediatamente aquelas terras. Mas, então, vi que caíra num equívoco, porque foi quando os outros quatro membros do clã avançaram, descendo das árvores sobre o penhasco, e deram-nos a estátua. Depois, o resto do grupo pôs-se de pé. A última coisa que vi foi todo o clã a caminhar para leste, afastando-se do Vale da Espada e das colinas adjacentes. Peguei na estátua e trouxe-a ao Procurador. — Calou-se, mas permaneceu de pé, à espera de perguntas.

— Tenho a estatueta aqui — disse Wyatt. Apanhou-a do chão, junto da sua cadeira, e colocou-a em cima da mesa, depois puxou o pano branco que ele lhe enrolara à volta.

A base era um triângulo de casca-negra dura como pedra, e três longos espinhos de osso erguiam-se dos cantos de modo a fazerem uma estrutura piramidal. No seu interior, finamente esculpido com todos os detalhes, em macia madeira azul, estava Bakkalon, a pálida criança, segurando uma espada pintada.

— Que significa isto? — perguntou o Bispo-de-campo, obviamente sobressaltado.

— Sacrilégio! — disse o Bispo-de-campo Dhallis.

— Nada de tão grave — disse Gorman, Bispo-de-campo para o Arma-mento Pesado. — Os animais estão simplesmente a tentar lisonjear-nos, talvez na esperança de que não desembainhemos as nossas espadas.

— Ninguém, exceto a semente da Terra, se pode curvar perante Bakka-

lon — disse Dhallis. — Está escrito no Livro! A pálida criança não olhará com benevolência para os que não têm alma!

— Silêncio, meus irmãos de armas! — disse o Procurador, e fez-se abruptamente silêncio, de novo, na mesa comprida. Wyatt esboçou um fino sorriso. — Este é o primeiro dos milagres de que vos falei no inverno, na capela, o primeiro dos estranhos acontecimentos de que Bakkalon me falou. Pois na verdade ele caminhou por este mundo, o nosso Corlos, pelo que até os animais dos campos sabem. A sua aparência! Pensem nisso, meus irmãos. Pensem nesta escultura. Coloquem a vós mesmos umas quantas perguntas simples. Algum destes animais Jaenshi jamais teve autorização de pôr o pé nesta cidade sagrada?

— Não, claro que não — disse alguém.

— Então, claramente, nenhum deles viu o hológrafo que está sobre o nosso altar. Nem eu tenho andado por entre os animais, pois os meus deveres retêm-me aqui, dentro das muralhas. Por isso, nenhum deles pode ter visto a aparência da pálida criança na corrente que uso, pois os poucos Jaenshi que viram o meu semblante não viveram para falarem disso — foram aqueles a quem julguei, que estão pendurados nas muralhas da nossa cidade. Os animais não falam linguagem da semente da Terra, nem nenhum de nós aprendeu a sua simples língua animal. Por último, eles não leram o Livro. Lembrem-se de tudo isto e interroguem-se: como souberam os entalhadores que rosto e que forma entalhar?

Silêncio; os líderes dos filhos de Bakkalon entreolharam-se, para trás e para frente, com assombro.

Wyatt cruzou, tranquilamente, as mãos.

— Um milagre. Não teremos mais problemas com os Jaenshi, pois a pálida criança esteve entre eles.

À direita do Procurador, o Bispo-de-campo Dhallis estava hirta.

— Meu Procurador, meu guia na fé — disse ela, com alguma dificuldade, cada palavra saindo-lhe lentamente. — Decerto, *decerto*, não tem a intenção de nos dizer que estes, estes *animais* — que eles podem adorar a pálida criança, que Ela aceita a adoração deles?

Wyatt pareceu calmo, benevolente; apenas sorria.

— Não precisa de inquietar a sua alma, Dhallis. Interroga-se sobre se eu caí na Primeira Falácia, lembrando-se talvez do Sacrilégio de G'hra, quando um prisioneiro Hrangan se curvou diante de Bakkalon para se salvar de morrer como um animal, e o Falso Procurador Giborne proclamou que todos os que adorem a pálida criança têm de ter alma. — Abanou a cabeça. — Como veem, eu li o Livro. Mas não, Bispo-de-campo, não houve nenhum sacrilégio. Bakkalon esteve entre os Jaenshi, mas certamente apenas lhes deu verdade. Ele viram-No em toda a Sua glória armada, e ou-

viram-No proclamar que eles são animais, sem almas, como seguramente Ele proclamou. Portanto, eles aceitam o seu lugar na ordem do universo e retiram-se diante de nós. Nunca mais matarão um homem. Lembrem-se de que não se curvam diante da estátua que esculpiram, preferindo dá-la, a nós, semente da Terra, os únicos que a podem legitimamente venerar. Quando eles se prostraram, foi aos nossos pés, como animais perante homens, e isso é como deveria ser. Estão a perceber? A verdade foi-lhes revelada.

Dhallis assentiu.

— Sim, meu Procurador. Estou esclarecida. Perdoa-me o meu momento de fraqueza.

Mas, a meio da mesa, C'ara DaHan inclinou-se para diante e cerrou as suas grandes mãos ossudas, de cenho carregado.

— Meu Procurador — disse ele, pesadamente.

— Mestre de Armas? — retorquiu Wyatt. O seu rosto adquiriu uma expressão severa.

— Tal como o Bispo-de-campo, a minha alma agitou-se brevemente com preocupação e também eu gostaria de ficar esclarecido, se puder?

Wyatt sorriu.

— Continua — disse ele, numa voz despida de humor.

— Esta coisa pode muito bem ser um milagre — disse DaHan — mas, primeiro, devemos interrogar-nos, para nos assegurarmos de que não é um truque de um qualquer inimigo sem alma. Não sou capaz de penetrar o estratagema deles, ou as suas razões para terem agido como agiram, mas sei de facto uma forma de os Jaenshi terem ficado a conhecer as feições do nosso Bakkalon.

— Oh!

— Estou a falar da base comercial Jamish e do comerciante ruivo, Arik neKrol. Ele nasceu de uma semente da Terra, pelo aspeto é Emereliano, e nós demos-lhe o Livro. Mas ele continua sem qualquer amor ardente por Bakkalon, e anda sem armas como um ímpio. Desde que aqui aterrámos que ele se opõe a nós, e tornou-se cada vez mais hostil depois da lição que fomos obrigados a dar aos Jaenshi. Talvez ele tenha manipulado o clã do penhasco, lhes tenha dito para fazerem a estatueta, com um qualquer objetivo estranho, dele próprio. Creio que ele negociou, de facto, com eles.

— Creio que falas verdade, Mestre de Armas. Nos primeiros meses, depois da aterragem, esforcei-me por converter neKrol, sem qualquer resultado, mas aprendi realmente bastante sobre os animais Jaenshi e sobre o comércio que ele fazia com eles. — O Procurador continuava a sorrir. — Ele fazia trocas comerciais com um dos clãs aqui mesmo no Vale da Espada, como o povo do anel-de-pedra, com o clã do penhasco e a queloutro

do longínquo emaranhado de frutas, com a gente da catarata, e diversos clãs mais para leste.

— Então, isto é obra dele — disse DaHan. — Uma artimanha!

Todos os olhares se moveram para Wyatt.

— Não disse isso. NeKrol, quaisquer que as suas intenções possam ser, é um único homem. Ele não negocia com todos os Jaenshi, nem sequer os conhece a todos. — O sorriso do Procurador alargou-se. — Aqueles de entre vós que viram o Emereliano sabem que ele é um homem de gorduras e fraquezas; dificilmente poderia caminhar para tão longe quanto o necessário, e ele não possui aerocarro nem trenó motorizado.

— Mas teve, *de facto*, contacto com o clã do penhasco — disse DaHan. As linhas profundamente gravadas da sua testa de bronze estavam teimosamente franzidas.

— Sim, teve — respondeu Wyatt. — Mas a Mãe-de-pelotão Jolip não saiu sozinha esta manhã. Enviei também o Pai-de-pelotão Walman e o Pai-de-pelotão Allor para cruzarem as águas de Faca Branca. Ali, a terra é escura e fértil, melhor do que para leste. O clã do penhasco, que fica mais para sudeste, estava entre o Vale da Espada e a Faca Branca, pelo que tinham de partir. Mas as outras pirâmides que atacámos pertenciam a clãs mais distantes do rio, mais de trinta quilómetros para sul. Esses nunca viram o comerciante Arik neKrol, a não ser que lhe tenham crescido asas durante o último inverno.

Depois, Wyatt curvou-se de novo e pousou mais duas estátuas sobre a mesa, e descobriu-as. Uma delas estava assente sobre uma base de ardósia e a figura estava entalhada de uma forma tosca e grosseira; a outra, era de raiz-de-sabão excelentemente filigranada, mesmo para os emproados da pirâmide. Mas, com exceção dos materiais e da execução, as estátuas posteriores eram idênticas à primeira.

— Vê alguma artimanha, Mestre de Armas? — perguntou Wyatt.

DaHan olhou e não disse nada, pois o Bispo-de-campo Lyon ergueu-se de repente e disse:

— Vejo um milagre — e os outros ecoaram o que ele disse. Depois de o alvoroço se ter aquietado, o musculoso mestre de armas baixou a cabeça e disse, muito suavemente:

— Meu Procurador. Lê-nos sabedoria.

* * *

— Os lasers, falante, os *lasers!* — Havia uma nota de histérico desespero no tom de neKrol. — Ryther ainda não voltou e essa é que é a questão. Temos de esperar.

Estava no exterior da bolha que era a sua base comercial, de peito nu e a transpirar ao sol quente da manhã, com o vento grosso a despentear-lhe os cabelos emaranhados. O clamor tirara-o a um sono agitado. Parara-os mesmo na orla da floresta e, agora, a mais amarga das falantes virara-se para o encarar, com um ar feroz e duro e muito pouco Jaenshiliano, com o laser a tiracolo, um lenço azul de seda cintilante atado à volta do pescoço, e gordos anéis de pedra-luz em todos os seus oito dedos. Os outros desterrados, exceto as duas que estavam muito grávidas, perfilavam-se ao lado dela. Um deles segurava o outro laser, o resto transportava aljavas e arcos elétricos. Aquilo fora ideia da falante. O seu recém-escolhido companheiro estava com um joelho no chão, ofegante; viera a correr desde o anel-de-pedra.

— Não, Arik — disse a falante com os olhos estanhados de fúria. — Os teus lasers estão agora com um mês de atraso, pela tua própria contagem do tempo. Cada dia em que estamos à espera, os Anjos de Aço destroem mais pirâmides. Em breve, poderão enforçar crianças outra vez.

— Muito em breve — disse neKrol. — Muito em breve, se vocês os atacarem. Onde meteste a tua esperança na vitória? O teu vigia diz que eles vão com dois pelotões e um tanque-buldózer — consegues pará-los com um par de lasers e quatro arcos? Aprendeste ou não a pensar?

— Sim — disse a falante, mas exibiu os seus dentes ao dizê-lo. — Sim, mas isso não interessa. Os clãs não resistem, por isso temos nós de resistir.

De joelho no chão, o companheiro dela levantou os olhos para neKrol.

— Eles... eles estão em marcha na direção da catarata — disse ele, ainda com a respiração pesada.

— A catarata! — repetiu a mais amarga das falantes. — Desde a morte do inverno que eles destruíram mais de vinte pirâmides, Arik, e os seus tanques-buldózeres esmagaram a floresta e, agora, uma grande estrada poeirenta risca o solo desde o vale até às terras do rio. Mas ainda não fizeram mal a nenhum Jaenshi nesta estação do ano, têm-nos deixado partir. E todos aqueles clãs-sem-um-deus foram para a catarata, até que a floresta natal do povo da catarata seja arrancada e arrasada. Os seus faladores sentam-se com o velho falador e talvez o deus da catarata os aceite, talvez ele seja um deus muito bom. Eu não sei dessas coisas. Mas *sei* que, agora, o Anjo calvo soube acerca dos vinte clãs reunidos, de um grupo de meio milhar de Jaenshi adultos, e conduz um poderoso tanque-buldózer contra eles. Deixá-los-á ele ir à sua vida assim tão facilmente, desta vez, contentando-se com uma estatueta? *Ir-se-ão eles*, Arik, desistirão eles de um segundo deus tão facilmente como do primeiro? — A falante piscou os olhos. — Temo que eles irão resistir com as suas patéticas garras. Temo que o Anjo calvo os enforque mesmo que não resistam, porque tantos reunidos lançam a suspeita no seu espírito. Temo muitas coisas e sei pouco, mas sei que *nós*

temos de estar lá. Ele não nos vai parar, Arik, e nós não podemos esperar pelos teus muito atrasados lasers.

E ela virou-se para os outros e disse:

— Vamos, temos de correr — e desapareceram na floresta antes mesmo que neKrol lhes pudesse gritar para que ficassem. Transpirando, voltou para a bolha.

As duas fêmeas desterradas estavam de saída quando ele entrou. Estavam ambas perto do fim do tempo, mas tinham arcos nas suas mãos. NeKrol parou de repente.

— Vocês as duas! — disse ele furiosamente, olhando para elas de olhos arregalados. — Loucura, é disto que a loucura é feita! — Elas apenas olharam para ele com olhos silenciosos e dourados e passaram por ele em direção ao arvoredor.

Lá dentro, en trançou rapidamente o seu longo cabelo ruivo para que não ficasse preso nos ramos, enfiou uma camisola e voou para a porta. Depois parou. Uma arma, tinha de ter uma arma! Olhou em volta, freneticamente, e correu pesadamente para o seu armazém. Viu que os arcos tinham desaparecido todos. O quê, então, o quê? Começou a vasculhar, e, por fim, decidiu-se por um machete de duraliga. Sentiu-se estranho com ele na mão e devia parecer o menos marcial possível e ridículo, mas sentia que tinha de levar qualquer coisa.

Depois partiu rumo ao lugar do povo da catarata.

* * *

NeKrol tinha peso a mais e era mole, muito pouco habituado a correr, e o caminho prolongava-se quase por dois quilómetros, através da luxuriante floresta estival. Teve de parar três vezes para descansar e para acalmar as dores no peito, e pareceu ter passado uma eternidade quando chegou. Mas, ainda assim, bateu os Anjos de Aço; os tanques-bulldozeres eram pesados e lentos, e a estrada desde o Vale da Espada era maior e mais acidentada.

Havia Jaenshi por todo o lado. A clareira estava rapada de erva e era duas vezes maior do que neKrol se lembrava da sua última viagem comercial, no princípio da primavera anterior. Mesmo assim, os Jaenshi enchiam-na por completo, sentados no chão, olhando para a lagoa e a catarata, todos em silêncio, formando uma multidão compacta, pelo que mal havia espaço para andar entre eles. Mais sentavam-se por cima, uma dúzia nas casas árvore de fruto, algumas das crianças trepavam mesmo até aos ramos mais altos, onde só os pseudomonges habitualmente dominavam.

Na rocha, no centro do lago, com a catarata por trás, como pano de fundo, os faladores comprimiam-se em redor da pirâmide do povo da catarata.

Estavam ainda mais juntos do que aqueles que se aglomeravam sobre as ervas e cada um deles tinha as mãos espalmadas sobre os lados da pirâmide. Um deles, magro e frágil, estava sentado aos ombros de um outro, para que também ele conseguisse tocar. NeKrol tentou contá-los e desistiu; o grupo era demasiado denso, uma massa indistinta de braços de pelo cinzento e olhos dourados, com a pirâmide no centro, escura e inamovível como sempre.

A mais amarga das falantes estava de pé na lagoa, com água pelos tornozelos. Enfrentava a multidão e guinchava com ela, e a sua voz saía-lhe estranhamente diferente do habitual ronronar Jaenshi; com aquele seu lenço e os anéis, parecia absurdamente deslocada. Ao mesmo tempo que falava, agitava o laser que segurava numa das mãos. Louca, apaixonada, histericamente, dizia aos Jaenshi ali reunidos que os Anjos de Aço estavam a caminho, que eles deviam partir imediatamente, que deviam dispersar e ir para a floresta e reagrupar-se na base comercial. Disse-o vezes sem conta.

Mas os clãs estavam imóveis e silenciosos. Ninguém respondeu, ninguém prestou atenção, ninguém ouviu. Em plena luz do dia, estavam a rezar.

NeKrol abriu caminho entre eles, pondo uma mão aqui e um pé acolá, mal sendo capaz de assentar uma bota sem esmagar um pedaço de carne Jaenshi. Chegou junto da mais amarga das falantes, que continuava a gesticular loucamente, antes que os olhos brônzeos dela parecessem tê-lo visto. Então, ela parou.

— Arik — disse ela — os Anjos estão a caminho, e *eles não me vão dar ouvidos*.

— Os outros — ofegou ele, ainda sem fôlego. — Onde estão eles?

— Nas árvores — replicou a mais amarga das falantes, fazendo um gesto vago. — Mandei-os subir às árvores. Atiradores, Arik, como os que vimos sobre a muralha.

— Por favor — disse ele. — Regressa comigo. Deixa-os, deixa-os. Já lhes disseste. Eu já lhes disse. Aconteça o que acontecer, é obra deles, e a culpa é da religião idiota que têm.

— Não posso deixá-los — disse a mais amarga das falantes. Parecia confusa, como muitas vezes acontecera quando neKrol a questionara, na base. — Parece que deveria fazê-lo, mas sei, de alguma forma, que tenho de ficar aqui. E os outros não irão nunca, mesmo que eu fosse. Sentem isto muito mais fortemente. Temos de estar aqui. Para lutar, para falar. — Pestanejou. — Não sei porquê, Arik, mas temos.

E, antes que o comerciante pudesse responder, os Anjos de Aço saíram da floresta.

Inicialmente, eram cinco, largamente distanciados uns dos outros;

pouco tempo depois, havia outros cinco. Todos a pé, com uniformes cujo padrão verde-escuro se confundia com a folhagem, pelo que apenas a cintilação dos cintos de malha de aço e dos elmos de combate condicentes se destacava. Um deles, uma mulher magra e descorada, usava uma gola alta vermelha; todos os outros levavam os lasers aperrados.

— Tu! — gritou a mulher loura, descobrindo Arik com o olhar imediatamente, pois ele perfilava-se de trança ao vento e machete a balançar-lhe inutilmente na mão. — Fala a estes animais! Diz-lhes que têm de partir! Diz-lhes que, por ordem do Procurador Wyatt e de Bakkalon, a pálida criança, não são permitidos ajuntamentos de Jaenshi com esta dimensão, para leste das montanhas. Diz-lhes! — E, depois, ela viu a mais amarga das falantes e teve um sobressalto. — E tira o laser da mão desse animal antes que reduzamos ambos a cinzas!

A tremer, neKrol soltou o machete dos seus dedos moles sobre a água.

— Falante, larga a arma — disse ele em Jaenshi — por favor. Se tens esperança de um dia veres as estrelas longínquas. Larga o laser, minha amiga, minha filha, neste preciso instante. E, quando Ryther vier, levo-te comigo para Ai-Emerel e para outros lugares ainda mais distantes. — A voz do comerciante estava cheia de medo; os Anjos de Aço agarravam firmemente nos seus lasers, e nem por um momento ele pensou que a falante lhe obedeceria.

Mas, estranhamente, humildemente, ela arremessou a arma para a lagoa. NeKrol não via o suficiente para lhe ler os olhos.

A Mãe-de-pelotão ficou, visivelmente, mais tranquila.

— Ótimo — disse ela. — Agora, fala com eles nessa língua de animais e diz-lhes para se irem embora daqui. Se não forem, esmagá-los-emos. Vem um tanque-buldózer a caminho! — E sobre o rugido das águas a tombarem ali perto, neKrol já conseguia ouvi-lo; um pesado triturar à medida que ele passava sobre as árvores, transformando-as em fragmentos lascados debaixo das largas lagartas de duramalha. Talvez estivessem a usar o canhão de explosões e os lasers de torre para limpar pedregulhos e outros obstáculos.

— Nós avisámo-los — disse neKrol, desesperadamente. — Muitas vezes os avisámos, mas eles teimaram em não ouvir! — Fez um gesto em redor; a clareira estava ainda a abarrotar de corpos de Jaenshi e nenhum dentre os clãs dera a menor conta dos Anjos de Aço e da confrontação. Atrás dele, os faladores, aglomerados, continuavam a pressionar as mãos espalmadas contra o deus deles.

— Então, desembainharemos a espada de Bakkalon contra eles — disse a Mãe-de-pelotão — e talvez ouçam os seus próprios lamentos! — Colocou o laser no coldre e empunhou uma arma-de-guincho-dissuasor, e neKrol,

arrepiando-se, percebeu a intenção dela. Os guinchos-dissuasores utilizavam uma concentração de sons de alta-intensidade para destruir as paredes das células e liquefazer a carne. Os seus efeitos eram mais psicológicos do que qualquer outra coisa; não havia nenhuma morte mais horrorosa.

Mas, então, um segundo pelotão de Anjos surgiu entre eles e ouviu-se um estalar de madeira a ser esmagada e a saltar, e detrás de uma mata de árvores de fruto, neKrol viu, indistintamente, os flancos negros do tanque-bulldózer, com o canhão de explosão aparentemente apontado a ele. Dois dos recém-chegados usavam a gola escarlate — uma jovem mulher vermelhusca com grandes orelhas que ladrava ordens ao seu pelotão, e um homem enorme e musculado, calvo e com a pele forrada de bronze. NeKrol reconheceu-o; o Mestre de Armas C'ara DaHan. Foi DaHan quem assentou uma pesada mão sobre o braço da Mãe-de-pelotão quando esta ergueu a sua arma-de-guincho-dissuasor.

— Não — disse ele. — Não é esse o caminho.

Ela colocou a arma no coldre de imediato.

— Ouço e obedeço.

DaHan olhou para neKrol.

— Comerciante — trovejou ele — isto é obra tua?

— Não — disse neKrol.

— Eles não vão dispersar — acrescentou a Mãe-de-pelotão.

— Levaríamos um dia e uma noite para os dissuadirmos a todos com o guincho — disse Dahan, os seus olhos varrendo a clareira e o arvoredado, e seguindo o trilho pedregoso e sinuoso da parede de água até ao cimo. — Há uma maneira mais fácil. Destrói a pirâmide e eles partirão imediatamente. — Parou, então, prestes a dizer algo mais; os seus olhos estavam fixos na mais amarga das falantes.

— Uma Jaenshi com roupa e anéis — disse ele. — Eles nunca teceram nada, até agora, que não fossem mortalhas. Isto alarma-me.

— Ela pertence à gente do anel-de-pedra — disse neKrol rapidamente. — Tem vivido comigo.

DaHan assentiu.

— Compreendo. És um verdadeiro ímpio, neKrol, para te consorciarestes com animais sem alma, para lhes ensinares a macaquear os modos da semente da Terra. Mas isso não interessa. — Ergueu o braço num sinal; por trás dele, entre as árvores, o canhão de explosões e o tanque-bulldózer moveram-se ligeiramente para a direita. — Tu e o teu animal de estimação devem mexer-se de imediato — disse DaHan a neKrol. — Quando eu baixar o braço, o deus Jaenshi vai arder e se estiverem no caminho, nunca mais se poderão mexer.

— Os *faladores!* — protestou neKrol. — A explosão vai... — e começou

a virar-se para lhe mostrar. Mas os faladores estavam a rastejar para longe da pirâmide, um por um.

Atrás dele, os Anjos falavam entre dentes.

— Um milagre! — disse um deles roucamente.

— Criança Nossa! Nosso Senhor! — gritou outro.

NeKrol ficou paralisado. A pirâmide, sobre a rocha, deixara de ser uma laje avermelhada. Agora, ela faiscava à luz do sol, um dossel de cristal transparente. E, por baixo desse dossel, perfeito até ao mínimo pormenor, a pálida criança Bakkalon perfilava-se a sorrir, com a sua Extirpadora-de-Demonios na mão.

Os faladores Jaenshi tentavam, agora, afastar-se dela, tropeçando na água na sua pressa de fugir para longe. NeKrol vislumbrou o velho falador, correndo mais depressa do que nenhum outro, apesar da sua idade. Até ele parecia não compreender. A mais amarga das falantes estava boquiaberta.

O comerciante voltou-se. Metade dos Anjos de Aço estavam ajoelhados, o resto baixara os braços absortamente e estava imóvel, de boca aberta de espanto. A Mãe-de-pelotão virou-se para DaHan.

— É um milagre — disse ela. — Tal como o Procurador Wyatt previra. A pálida criança caminha neste mundo.

Mas o Mestre de Armas não estava impressionado.

— O Procurador não está aqui e isto não é um milagre — disse ele numa voz acerada. — Isto é a artimanha de algum inimigo, e eu não serei enganado. Varreremos o objeto blasfemo do solo de Corlos. — O seu braço desceu velozmente.

Os Anjos, no tanque-buldózer, deviam ter ficado amolecidos com a admiração; o canhão não disparou. DaHan virou-se, irritado.

— Isto não é nenhum milagre! — gritou ele. Começou a erguer o braço de novo.

Junto de neKrol, a mais amarga das falantes gritou, repentinamente. Ele olhou alarmado e viu os olhos dela reluzirem com um brilhante amarelo-dourado.

— O deus! — murmurou ela, baixinho. — A luz voltou a mim!

E o zumbido dos arcos ressoou desde as árvores à volta deles e duas longas setas estremeceram quase ao mesmo tempo nas largas costas de C'ara DaHan. A força dos disparos obrigou o Mestre de Armas a cair de joelhos, esmagando-o contra o solo.

— CORRE! — gritou neKrol, e empurrou a mais amarga das falantes com toda a sua força, e ela tombou e olhou para trás por instantes, de novo com os olhos de bronze-escuro e tremendo de medo. Depois, rapidamente, desatou a correr, com o lenço a flutuar atrás dela à medida que se escapava para o arvoredado mais próximo.

— Matem-na! — gritou a Mãe-de-pelotão. — Matem-nos a todos! — E as suas palavras acordaram tanto os Jaenshi como os Anjos de Aço; os filhos de Bakkalon ergueram os seus lasers de novo contra o súbito ímpeto da multidão, e a matança começou. NeKrol ajoelhou-se e arrastou-se pelas rochas cobertas de musgo escorregadio até ter o laser nas mãos, depois pô-lo ao ombro e começou a disparar. A luz ejetava-se em rajadas furiosas; uma vez, duas vezes, uma terceira vez. Carregou mais no gatilho e as rajadas transformaram-se num raio, e ele cortou um Anjo de elmo prateado pela cintura antes que o fogo chamejasse no seu estômago e ele caísse pesadamente na lagoa.

Durante muito tempo, não viu nada; apenas dava pela dor e pelos ruídos, e pela água que suavemente chapinhava contra o seu rosto, pelo som dos gritos estridentes dos Jaenshi, que se ouviam por todo o lado, à sua volta. Ouviu, por duas vezes, o rugir e o estalar do canhão, por mais de duas vezes foi pisado. Tudo isso pareceu sem importância. Lutou para manter a cabeça sobre as rochas, meio fora da água, mas, um pouco depois, até isso lhe pareceu pouco vital. A única coisa que contava era o ardor nas suas entranhas.

Depois, de alguma forma, a dor desapareceu, e sentiu uma porção de fumo e cheiros horríveis, mas não tanto barulho, e neKrol permaneceu estendido, silenciosamente, e prestou atenção às vozes.

— A pirâmide, Mãe-de-pelotão? — alguém perguntou.

— É um milagre — replicou uma voz de mulher. — Olha, Bakkalon ainda ali está. E vê como ele sorri! Hoje, agimos de maneira certa, aqui!

— Que deveremos fazer com ele?

— Levá-lo para dentro do tanque-buldózer. Temos de o levar ao Procurador Wyatt.

Em breve, as vozes afastaram-se, e neKrol ouviu apenas o som da água, correndo sem fim, precipitando-se e tombando. Era um som repousante. Decidiu que adormeceria.

* * *

O tripulante empurrou o pé-de-cabra para baixo, entre as tábuas, e levantou. A madeira quase nem protestou antes de ceder.

— Mais estátuas, Jannis — informou ele, depois de alcançar o interior do caixote e retirar algum material acondicionador.

— Sem valor — disse Ryther, com um breve suspiro. Estava no meio das ruínas da base comercial destruída de neKrol. Os Anjos tinham-na revistado, à procura de Jaenshi armados e havia detritos por toda a parte. Mas não tinham tocado nos caixotes.

O tripulante levou o pé-de-cabra e seguiu para a pilha de artefactos encaixotados seguintes. Ryther olhou ansiosamente para os três Jaenshi que se aglomeravam à sua volta, desejando que eles pudessem comunicar um pouco melhor. Um deles, uma fêmea lustrosa que usava um lenço e uma porção de joias e parecia estar sempre encostada a um arco, sabia falar um pouco de Terrano, mas não o suficiente. Ela apanhava as coisas rapidamente, mas até ali a única coisa substancial que dissera, foi «Mundo de Jamison. Arik leva-nos. Anjos matarem». Isto ela repetiu incessantemente até Ryther lhe ter finalmente feito compreender que, sim, eles levá-los-iam. Os outros dois Jaenshi, a fêmea grávida e o macho com o laser, esses pareciam não falar de todo.

— Estátuas, outra vez — disse o tripulante, tendo puxado um caixote do cimo da pilha, no armazém rebentado e abrindo-o com o pé-de-cabra.

Ryther encolheu os ombros; o tripulante continuou. Ele voltou-lhe as costas e vagueou lentamente pelo exterior, até à orla do campo de aterragem, onde o *Luzes de Jolostar* repousava com as portas abertas brilhando com uma luz amarela na crescente obscuridade do crepúsculo. Os Jaenshi seguiram-na, tal como a tinham seguido desde que ela chegara; receando, sem dúvida, que ela se fosse embora e os deixasse, se desviassem dela, por um instante, os seus grandes olhos de bronze.

— Estátuas — disse Ryther entre dentes, meio para si própria, meio para os Jaenshi. Abanou a cabeça. — Porque fez ele isto? — perguntou-lhes ela, sabendo que não conseguiriam compreender. — Um comerciante com a experiência dele? Poderiam dizer-me, talvez, se soubessem do que eu estou a falar. Em vez de se concentrarem em mortalhas e coisas que tais, na verdadeira arte Jaenshi, por que razão Arik vos ensinou a esculpirem versões alienígenas dos deuses humanos? Deveria ter sabido que nenhum intermediário aceitaria fraudes tão óbvias. A arte alienígena é *alienígena*. — Deu um suspiro. — A culpa é minha, acho eu. Devíamos ter aberto os caixotes. — Riu-se.

A mais amarga das falantes olhou-a.

— A mortalha de Arik. Dar.

Absorta, Ryther assentiu com um aceno. Tinha-a pendurada mesmo por cima do seu beliche; uma coisa pequena e estranha, parcialmente tecida com pelo de Jaenshi e maioritariamente com longos fios sedosos de cabelo cor de fogo. Sobre ela, a cinzento sobre o vermelho, havia uma grosseira mas reconhecível caricatura de Arik neKrol. Ela interrogara-se sobre isso, também. O tributo da viúva? De um filho? Ou apenas de um amigo? Que acontecera a Arik durante o ano em que o *Luzes* estivera longe? Se ela tivesse regressado a tempo, nesse caso... mas perdera três meses no Mundo de Jamison, conferindo intermediário após intermediário, num esforço para

descarregar as estatuetas sem valor. Isso fora a meio do outono, antes de o *Luzes de Jolostar* regressar a Corlos, para encontrar a base de neKrol em ruínas e os Anjos já reunidos para as colheitas.

E os Anjos — quando fora ter com eles, oferecendo-lhes a posse de lasers desnecessários, oferecendo-se para comerciar, a visão daquela cidade cor de sangue até a deixara maldisposta. Pensara que estava preparada, mas a obscenidade que encontrou estava para além de qualquer preparação. Um pelotão de Anjos de Aço encontrara-a a vomitar, já dentro dos altos portões enferrujados, e acompanhara-a até junto do Procurador.

Wyatt estava duas vezes mais esquelético do que ela se recordava. Estivera perfilado fora de portas, junto da base de um imenso altar-plataforma que fora erigido no meio da cidade. Uma estátua surpreendentemente realista de Bakkalon, dentro de uma pirâmide de vidro e colocada sobre um plinto de pedra vermelha, lançava uma comprida sombra sobre o altar de madeira. Debaixo dele, pelotões de Anjos de Aço estavam a empilhar neofeno, trigo recém-colhido e carcaças congeladas de porcos silvestres.

— Não precisamos das tuas coisas — disse-lhe o Procurador. — O Mundo de Corlos é abundantemente abençoado, minha filha, e Bakkalon vive agora entre nós. Operou grandes milagres e vai operar ainda mais. A nossa fé está Nele. — Wyatt fez um gesto na direção do altar com a sua mão esguia. — Vês? Queimamos as nossas provisões para o inverno como tributo, pois a pálida criança prometeu-nos que, este ano, não haverá inverno. E Ele ensinou-nos a fazer uma seleção entre nós em tempo de paz tal como, um dia, o fizemos na guerra, para que a semente da Terra cresça ainda mais forte. É um tempo de novas e grandes revelações! — Os seus olhos ardiavam enquanto falava com ela; olhos dardejantes e fanáticos, grandes e escuros, mas estranhamente salpicados de ouro.

Ryther deixara a Cidade dos Anjos de Aço o mais depressa que pudera, tentando não olhar para trás, para as muralhas. Mas quando subira as colinas, de regresso à base comercial, fora ter ao anel-de-pedra, à pirâmide destruída onde Arik a levava. Então, Ryther descobriu que não conseguia resistir, e, impotente, virara-se para olhar, uma última vez, para o Vale da Espada. A visão ficara impressa nela.

Fora das muralhas, as crianças dos Anjos pendiam da extremidade de longas cordas, uma fiada de pequenos corpos de bata branca, tranquilos e imóveis. Tinham morrido pacificamente, todas elas, mas a morte raramente é pacífica; os mais velhos, pelo menos, tinham morrido rapidamente, com o pescoço partido num súbito estalo. Mas as crianças mais pequenas e pálidas tinham a laçada em volta da cintura, e parecera claro a Ryther que a maior parte delas tinham ficado ali penduradas até morrerem de fome.

Enquanto ela estava a recordar-se, o tripulante saiu da bolha destruída de neKrol.

— Nada — informou ele. — Tudo estátuas. — Ryther assentiu.

— Ir? — disse a mais amarga das falantes. — Mundo de Jamson?

— Sim — retorquiu ela, com os olhos fixos num ponto para lá da expectante *Luzes de Jolostar*, na direção da floresta negra primordial. O Coração de Bakkalon afundara-se para sempre. Em mil milhares de florestas e numa única cidade, os clãs tinham começado a orar.

INTRODUÇÃO DRAGÃO DO INVERNO

«Dragão do Inverno» foi a segunda de três histórias que escrevi nas férias do Natal, no inverno de 1978-1979. Os invernos em Dubuque tinham o dom de inspirar histórias sobre o gelo e a neve e o frio de rachar. Não me ouvirão dizer com frequência «A história escreveu-se a si mesma», mas neste caso foi verdade. As palavras pareciam fluir de dentro de mim, e quando terminei, estava convencido que este era um dos melhores contos que alguma vez escrevera, talvez o melhor.

Assim que o acabei, tive a sorte de ver uma notícia que dizia que Orson Scott Card procurava originais para uma antologia intitulada *Dragons of Light and Darkness*. O momento não poderia ser mais perfeito; os deuses estavam a tentar dizer-me alguma coisa. Assim, submeti «Dragão do Inverno» a Card, e foi publicado em *Dragons of Light*, onde logo desapareceu sem deixar rasto, como tantas vezes acontece às histórias publicadas em antologias. Rodeá-la de outras histórias de dragões talvez não tenha sido a melhor ideia que já tive.

Os dragões de gelo tornaram-se lugares-comuns numa porção de livros e jogos de fantasia, ao longo dos vinte anos que decorreram desde que escrevi «Dragão do Inverno», mas creio que o meu foi o primeiro. E a maior parte desses outros «dragões do inverno» parecem não ser mais do que dragões brancos que vivem em climas frios. O amigo de Adara, um dragão feito de gelo cujo hálito é gelado em vez de deitar fogo, continua a ser único, tanto quanto sei, a minha única contribuição original para o bestiário da fantasia.

Porque adoro eu a fantasia? Deixem-me responder a isso com um texto que escrevi em 1996, para acompanhar o meu retrato no livro de fotografia de Pati Perret, *The Faces of Fantasy*:

A melhor fantasia é escrita na linguagem dos sonhos. Ela vive como vivem os sonhos, mais real do que a realidade... por instantes, pelo menos... aqueles longos instantes mágicos antes de acordarmos.

A fantasia é prateada e escarlate, índigo e azul-marinho, obsidiana raia-da de dourados e lápis-lazúli. A realidade é de madeira prensada e de plástico, feita com lama castanha ou do baço verde-azeitona. A fantasia sabe a pimentos picantes e a mel, a canela e a cravinho, a carne vermelha mal passada e a vinhos doces como o verão. A realidade é feijões e tofu, e, no final, cinzas. A realidade são as ruas comerciais de Burbank, as chaminés de Cleveland, um parque de estacionamento em Newark. Fantasia são as torres de Minas Tirith, as pedras antigas de Gormenghast, os salões de Camelot. A fantasia voa nas asas de Ícaro, a realidade nas Southwest Airlines. Porque se tornam os nossos sonhos tão mais pequenos quando, finalmente, se transformam em realidade?

Lemos fantasia para descobrir de novo as cores, creio eu. Para provar os sabores fortes e ouvir a canção que as sereias cantam. Há algo de antigo e de verdade na fantasia que fala a alguma coisa que vive profundamente dentro de nós, que fala à criança que sonhou que um dia caçaria as florestas da noite, e banquetear-se-ia sob os montes ocios e encontraria um amor que duraria para sempre algures a sul de Oz e a norte de Shangri-la.

Eles podem ficar com o céu para eles. Quando eu morrer, prefiro ir para a Terra Média.

DRAGÃO DO INVERNO

Adara gostava do inverno mais do que todas as outras estações, pois quando o frio envolvia o mundo, o dragão de gelo chegava. Ela nunca tivera muita certeza se era o frio que trazia o dragão de gelo ou se era o dragão de gelo que trazia o frio. Era o tipo de questão que frequentemente inquietava o seu irmão Geoff, que era dois anos mais velho e insaciavelmente curioso, mas Adara não se importava com essas coisas. Desde que o frio e o dragão de gelo chegassem a horas, ela estava feliz.

Sabia sempre quando deviam chegar por causa do seu aniversário. Adara era uma criança do inverno, nascida durante o pior nevão de que alguém se conseguia lembrar, até mesmo a Velha Laura, que vivia na quinta mais próxima e se lembrava de coisas que tinham acontecido antes de todos terem nascido. As pessoas ainda falavam daquele nevão. Adara ouvia-os falar, com frequência.

Falavam também de outras coisas. Diziam que fora o frio daquele terrível nevão que matara a sua mãe, ao instalar-se sorrateiramente durante a longa noite do parto, passando o grande lume que o pai de Adara fizera e insinuando-se debaixo das camadas de cobertores que cobriam a cama do parto. E diziam que o frio entrara em Adara ainda no ventre, que a sua pele ficara pálida e gelada ao toque, quando ela saiu, e que, nos anos que se seguiram, nunca aquecera. O inverno tocara-a, deixara sobre ela as suas marcas, fazendo-a sua.

Era verdade que Adara foi sempre uma criança à parte. Era uma rapariguinha grave, que raramente se interessava em brincar com os outros. Era bela, diziam as pessoas, mas de uma forma estranha e distante, com a sua pele clara e cabelo louro e grandes olhos azuis transparentes. Sorria, mas não com frequência. Ninguém, jamais, a viu chorar. Uma vez, quando tinha

cinco anos, pisara um prego saliente numa tábua oculta sob um banco de neve e este trespassara-lhe o pé de um lado ao outro, mas Adara, nem mesmo então chorara ou gritara. Libertara o pé com um puxão e voltara para casa, deixando um rasto de sangue na neve, e, quando lá chegara, apenas dissera: «Pai, fiz uma ferida.» Os amuos, as birras e as lágrimas da infância vulgar não eram para ela.

Até a família sabia que Adara era diferente. O pai era um homem enorme e rude como um urso, que geralmente não era útil às pessoas em geral, mas abria sempre o rosto num sorriso quando Geoff o importunava com perguntas, e tinha sempre abraços e risos para Teri, a irmã mais velha de Adara, que era dourada e sardenta, e namoriscava sem vergonha com todos os rapazes do lugar. De vez em quando, ele também abraçava Adara, especialmente quando estava bêbedo, o que era frequente durante os longos invernos. Mas, aí, não havia sorrisos. Ele apenas a envolvia nos seus braços e apertava o seu pequeno corpo profundamente contra o seu peito, com todo o vigor, e corriam-lhe grossas lágrimas pelas faces avermelhadas. Nunca a abraçava durante o verão. Durante o verão estava demasiadamente ocupado.

Toda a gente estava ocupada durante o verão, com exceção de Adara. Geoff ia trabalhar com o pai, nos campos, e fazer perguntas sem fim sobre isto e aquilo, aprendendo tudo o que um agricultor tem de saber. Quando não estava a trabalhar, corria até ao rio com os amigos, e tinha aventuras. Teri governava a casa e cozinhava, e trabalhava um pouco na estalagem do cruzamento, durante a estação dos trabalhos. A filha do estalajadeiro era sua amiga, e o filho mais novo era mais do que amigo, e ela regressava sempre cheia de risinhos, mexericos e novidades dos viajantes, dos soldados e dos mensageiros do rei. Para Teri e Geoff, o verão era a melhor das estações, e ambos estavam demasiado atarefados para Adara.

O pai era o mais atarefado de todos. Todos os dias era necessário fazer mil coisas, e ele fazia-as, e descobria mais mil para fazer. Trabalhava do nascer ao pôr do sol. Os seus músculos endureciam e alongavam-se no verão, e tresandava a suor todas as noites, quando chegava dos campos, mas entrava em casa sempre a sorrir. Depois do jantar, sentava-se com Geoff e contava-lhe histórias e respondia às suas perguntas, ou ensinava a Teri alguma coisa que ela não sabia sobre como cozinhar, ou dava um passeio até à estalagem. Era um verdadeiro homem do verão.

Nunca bebia, no verão, a não ser um copo de vinho de vez em quando para festejar as visitas do seu irmão.

Essa era outra razão pela qual Teri e Geoff adoravam o verão, quando o mundo era verde, quente e a explodir de vida. Era só no verão que o tio Hal, o irmão mais novo do pai deles, os visitava. Hal era cavaleiro de dra-

gões ao serviço do rei, um homem alto e esguio, com o rosto de um nobre. Os dragões não aguentavam o frio, pelo que, quando caía o inverno, Hal e a sua montada voavam para sul. Mas regressava todos os verões, resplandecente no uniforme verde e dourado do serviço do rei, rumo aos campos de batalha para norte e oeste. A guerra prolongara-se durante toda a vida de Adara.

Sempre que Hal ia para norte, trazia presentes: brinquedos da cidade real, joias de cristal e ouro, doces, e sempre uma garrafa de algum vinho caro, que ele e o irmão bebiam. Sorria a Teri e fazia-a corar com os seus piropos, e entretinha Geoff com histórias de guerras, castelos e dragões. Quanto a Adara, tentava muitas vezes arrancar-lhe um sorriso, com presentes, graças e abraços. Raramente era bem-sucedido.

Apesar de toda a sua bondade natural, Adara não gostava de Hal; quando Hal estava ali, isso queria dizer que o inverno vinha longe.

Além disso, tinha havido uma noite, quando ela tinha apenas quatro anos e a julgaram a dormir havia muito, em que os ouvira, sem querer, a conversarem enquanto bebiam.

— Uma rapariguinha solene — disse Hal. — Devias ser mais bondoso com ela, John. Não podes culpá-la a ela pelo que aconteceu.

— Não posso? — ripostou o seu pai, com a voz engrossada pelo vinho. — Não, acho que não. Mas é duro. Ela é parecida com Beth, mas não tem nenhum do calor de Beth. O inverno está dentro dela, sabes bem. Sempre que lhe toco, sinto o gelo, e lembro-me de que foi por ela que Beth teve de morrer.

— És frio com ela. Não a amas como amas os outros.

Adara lembrava-se do modo como o pai então se rira.

— Amá-la? Ah, Hal. Eu amo-a mais do que tudo, a minha pequena filha do inverno. Mas ela nunca retribuiu esse amor. Não há nela nada para mim, ou para ti, para qualquer um de nós. Ela é uma miúda tão fria. — E depois começou a chorar, apesar de ser verão e Hal estar com ele. Na sua cama, Adara escutara e desejara que Hal partisse para longe. Não compreendera tudo o que ouvira, não naquele momento, mas lembrava-se, e o entendimento veio depois.

Ela não chorou; nem aos quatro, quando ouviu, nem aos seis, quando finalmente compreendeu. Hal partiu alguns dias mais tarde, e Geoff e Teri acenaram-lhe excitadamente quando a sua esquadrilha passou por cima deles, trinta grandes dragões em orgulhosa formação contra o céu estival. Adara observara com as suas pequenas mãos ao longo do corpo.

Houve outras visitas, noutros verões, mas Hal não a conseguiu fazer sorrir, trouxesse-lhe ele o que trouxesse.

Os sorrisos de Adara eram uma reserva secreta, e ela apenas os gastava

no inverno. Mal podia esperar que chegasse o dia do seu aniversário e, com ele, o frio. Pois, no inverno, ela era uma criança especial.

Ela soubera-o desde que era muito pequena e brincava com os outros na neve. O frio não a incomodava da forma que incomodava Geoff, Teri e os amigos. Muitas vezes, Adara ficava sozinha lá fora, durante horas, depois de os outros terem partido em busca do calor, e corria até casa da Velha Laura para comer a sopa quente de legumes que esta gostava de fazer para as crianças. Adara encontrava sempre um lugar secreto, no canto mais distante dos campos, um lugar diferente em cada inverno, e aí construía um castelo alto e branco, calcando a neve com as suas pequenas mãos nuas. Nele erguia torres e casernas como as do castelo do rei, na cidade, de que Hal falava frequentemente. Ela arrancava sincelos dos ramos mais baixos das árvores, e utilizava-os para fazer pináculos, espigões e guaritas, espalhando-os um pouco por todo o seu castelo. E, muitas vezes, no auge do inverno, havia um pequeno degelo e uma súbita congelação, e, do dia para a noite, o seu castelo de neve ficava tão duro e forte como ela imaginava que os verdadeiros castelos eram. Aumentava o castelo ao longo de todo o inverno, e nunca ninguém soube. Mas a primavera acabaria sempre por vir e um degelo, não seguido por congelação; então, todas as muralhas e parapeitos derretiam e Adara começava a contar os dias que faltavam para o seu aniversário.

Os seus castelos de inverno raramente estavam vazios. Às primeiras geadas de cada ano, os lagartos de gelo bamboleavam-se para fora dos seus buracos e os campos enchiam-se de minúsculas criaturas azuis, estirando-se por este ou aquele caminho, quase nem parecendo tocar na neve ao deslizar sobre ela. Todas as crianças brincavam com os lagartos de gelo. Mas os outros eram desastrados e cruéis, e partiam os pequenos animais em dois, esmagando-os entre os dedos como esmagariam um sincelo suspenso de um telhado. Até Geoff, que era sempre demasiado bondoso para fazer coisas dessas, ficava por vezes curioso e segurava nos lagartos por demasiado tempo, no seu esforço para o examinar, e o calor das suas mãos fazia-os derreterem-se, queimados, e, por fim, morrerem.

As mãos de Adara eram frescas e suaves, e ela conseguia segurar nos lagartos por quanto tempo quisesse sem lhes fazer mal, o que punha sempre Geoff a fazer beicinho e a fazer perguntas impertinentes. Por vezes, ela estendia-se sobre a neve fria e compacta e deixava os lagartos rastejarem sobre o seu corpo, deliciando-se com o toque leve das suas patas quando eles deslizavam sobre o seu rosto. Às vezes, ela usava lagartos de gelo escondidos nos cabelos enquanto desempenhava as suas tarefas, embora tivesse o cuidado de nunca os levar para dentro de casa, onde o calor do lume os mataria. Juntava sempre alguns restos, depois de a família comer, e levava-os

para o sítio secreto onde o seu castelo se ia erguendo, espalhando-os dentro dele. Deste modo, todos os invernos, os castelos que edificava estavam cheios de reis e cortesãos: pequenas criaturas peludas que se esgueiravam dos bosques, aves invernosas de plumagem esbranquiçada, e centenas e centenas de lagartos que lutavam e se contorciam, frios, rápidos, gordos. Adara gostava mais dos lagartos de inverno do que todos os animais de estimação que a família mantivera ao longo dos anos.

Mas era o dragão de gelo que ela amava.

Não sabia quando o vira pela primeira vez. Parecia-lhe que ele fizera sempre parte da sua vida, uma imagem vislumbrada durante o pino do inverno, deslizando através do céu gélido, batendo as suas serenas asas azuis. Os dragões de gelo eram raros, mesmo nesse tempo, e sempre que eram avistados, as crianças apontavam e maravilhavam-se, enquanto os mais velhos falavam entre dentes e abanavam as cabeças. Quando apareciam sobre a terra, isso era sinal de que o inverno iria ser longo e penoso. Dizia-se que um dragão de gelo fora visto a voar ao longo da face da lua, na noite em que Adara nascera, e desde aí era avistado todos os invernos, e estes invernos tinham sido na verdade muito maus, com a primavera a começar mais tarde de ano para ano. Assim, as pessoas acendiam fogueiras e rezavam, esperando manter longe o dragão de gelo, e Adara enchia-se de medo.

Mas nunca resultava. O dragão regressava todos os anos. Adara sabia que ele vinha por ela.

O dragão de gelo era grande, quase do dobro do tamanho dos dragões de guerra de escamas verdes, que Hal e os seus companheiros montavam. Adara ouvira lendas sobre dragões selvagens maiores do que montanhas, mas nunca vira nenhum. O dragão de Hal era bastante grande, cinco vezes o tamanho de um cavalo, mas era pequeno comparado com o dragão de gelo, e, além disso, era mais feio.

O dragão de gelo era de um branco cristalino, daquele tom de branco que é tão sólido e frio que é quase azul. Era coberto por uma geada branca, pelo que, quando se movia, a sua pele partia-se e estalava como a crosta de neve estala sob as botas de um homem, e caíam-lhe flocos de gelo.

Os seus olhos eram claros, profundos e gélidos.

As asas eram grandes e, como as dos morcegos, totalmente coloridas de um vago azul translúcido. Adara conseguia ver as nuvens através delas e, muitas vezes, também a lua e as estrelas, quando o animal girava em círculos gelados pelos céus.

Os seus dentes eram sincelos, triplamente enfileirados, com o recorte de lanças de comprimento desigual, brancos sobre o azul profundo da boca.

Quando o dragão de gelo batia as asas, soprava um vento frio e a neve rodopiava em turbilhões, e o mundo parecia encolher e tiritar. Por vezes,

quando, no frio do inverno, se abria uma porta com a força de uma súbita rajada de vento, o dono da casa corria a trancá-la e dizia:

— Anda um dragão de gelo por perto.

E quando o dragão de gelo abria a sua grande boca, e expirava, não era fogo que jorrava, nem o fedor sulfuroso e ardente dos dragões mais pequenos.

O bafo do dragão de gelo era frio.

Formava-se gelo quando ele respirava. Todo o calor desaparecia. As lareiras definhavam e apagavam-se, arrefecidas pelo ar gélido. As árvores gelavam até às suas almas, lentas e secretas, e os ramos tornavam-se quebradiços e estalavam com o seu próprio peso. Os animais ficavam azuis, uivavam e morriam, com os olhos arregalados e a pele coberta de uma fina camada de gelo.

O bafo do dragão de gelo espalhava a morte pelo mundo; a morte, o silêncio e o frio. Mas Adara não tinha medo. Ela era filha do inverno, e o dragão de gelo era o seu segredo.

Vira-o nos céus mil vezes. Quando tinha quatro anos, viu-o no chão.

Estava a construir o seu castelo de neve, e ele veio e pousou junto dela; no vazio dos campos cobertos de neve. Os lagartos de gelo fugiram todos. Adara apenas se erguera. O dragão de gelo olhou para ela durante dez longos batimentos do coração, antes de levantar voo de novo. O vento uivava em redor e através dela à medida que ele batia as asas para ascender, mas Adara sentiu uma estranha exultação.

Mais tarde, nesse mesmo inverno, ele voltou, e Adara tocou-lhe. A sua pele era muito fria. Apesar disso, ela tirou a luva. Nem estaria certo se não fosse assim. Ela quase receou que ele ardesse e derretesse se lhe tocasse, mas não aconteceu nada disso. Adara sabia, de algum modo, que ele era muito mais sensível ao calor até do que os lagartos de gelo. Mas ela era especial, a filha do inverno, fria. Afagou-o e, por fim, deu-lhe um beijo na asa que lhe feriu os lábios. Isso foi no inverno do seu quarto ano de vida, o ano em que ela tocou no dragão de gelo.

No inverno do seu quinto ano de vida foi quando ela o montou pela primeira vez.

Ele descobriu-a de novo, a trabalhar num outro castelo, num outro local dos campos, sozinha como sempre. Ela viu-o a vir e correu para ele quando pousou, apertando-se de encontro a ele. Isso acontecera no ano do verão em que ela ouvira a conversa entre o pai e Hal.

Ficaram juntos durante longos minutos, até que Adara, por fim, lembrando-se de Hal, puxou a asa do dragão com a sua mão pequenina. E, de imediato, o dragão bateu as suas grandes asas, e depois estendeu-as rente à neve, e Adara subiu e enrolou os braços à volta do seu frio pescoço branco.

Voaram juntos, pela primeira vez.

Ela não tinha nem rédeas nem chicote, como os que os cavaleiros do rei usavam. Por vezes, o bater das asas ameaçava sacudi-la do lugar onde estava agarrada, e a frialdade do dragão repassava-lhe a roupa, mordendo e entorpecendo a sua pele de criança. Mas Adara não tinha medo.

Sobrevoaram a quinta do seu pai, e ela viu Geoff lá em baixo, parecendo muito pequeno, espantado e com medo, e percebeu que ele não a conseguia ver. Isso fê-la rir-se com um riso gelado e tilintante, um riso brilhante e vivo com o ar invernal.

Voaram sobre a estalagem do cruzamento, onde uma multidão veio vê-los a passar.

Voaram sobre a floresta, toda branca e verde, e silenciosa.

Voaram, ascendendo pelos céus, tão alto que Adara nem conseguia ver o chão que havia por baixo, e pensou ter vislumbrado um outro dragão de gelo, muito ao longe, mas não era sequer metade do tamanho do seu.

Voaram durante a maior parte do dia e, por fim, o dragão descreveu um grande círculo e desceu em espiral, planando nas suas asas duras e resplandecentes. Deixou-a no campo onde a encontrara, logo depois do crepúsculo.

O pai encontrou-a ali, e chorou ao vê-la, e abraçou-a ferozmente. Adara não compreendeu a razão disso, nem a razão pela qual ele lhe bateu depois de a ter levado de volta a casa. Mas quando ela e Geoff foram mandados para a cama, ela ouviu-o sair da cama e vir, pé ante pé, até à dela.

— Não percebeste nada — disse ele. — Havia aí um dragão de gelo que assustou toda a gente. O pai estava com medo que ele te tivesse comido.

Adara sorriu para si mesma, na escuridão, mas não disse nada.

Voou no dragão de gelo mais quatro vezes, nesse inverno, e em todos os invernos depois desse. Todos os anos voava mais longe e mais vezes do que no ano anterior, e o dragão de gelo era mais frequentemente avistado nos céus por cima da quinta.

Todos os invernos eram mais compridos e frios do que os anteriores.

Todos os anos o degelo chegava mais tarde.

E, por vezes, havia porções de terra, onde o dragão de gelo pousara para descansar, que pareciam nunca derreter por completo.

Houve muito falatório na povoação durante o seu sexto ano de vida e foi enviada uma mensagem ao rei. Nunca chegou qualquer resposta.

— Mau negócio, esse dos dragões de gelo — disse Hal, nesse verão, quando visitou a quinta. — Não são como os verdadeiros dragões, como sabem. Não se podem domar nem treinar. Há histórias sobre os que tentaram, encontrados congelados, de chicote e rédeas na mão. Ouvi falar de

gente que perdeu as mãos ou os dedos apenas por ter tocado num deles. A mordida do gelo. Sim, um mau negócio.

— Então, porque não faz o rei qualquer coisa? — inquiriu o seu pai. — Enviámos uma mensagem. A menos que consigamos matar o animal ou fazermos com que se vá embora, dentro de um ano ou dois não vamos ter estação para semear.

Hal sorriu, carrancudamente.

— O rei tem outras preocupações. A guerra está a correr mal, como sabem. Eles avançam todos os verões e têm o dobro de cavaleiros de dragões do que nós. Digo-te, John, aquilo é um inferno. Um destes anos, não vou regressar. O rei não dispõe de homens para irem atrás de um dragão de gelo. — Deu uma gargalhada. — Além disso, acho que nunca ninguém matou um desses bichos. Se calhar, devíamos deixar que o inimigo tomasse esta província toda. O dragão seria deles, então.

Mas não iria ser, pensou Adara enquanto escutava. Fosse qual fosse o rei que governasse o país, ele iria ser sempre o seu dragão de gelo.

Hal partiu e o verão perdurou e depois passou. Adara contava os dias que faltavam até ao seu aniversário. Hal passou ainda uma vez antes dos primeiros frios, levando o seu feio dragão para sul, para passar o inverno. A sua esquadilha pareceu mais pequena quando, no outono, sobrevoou a floresta, e a sua visita foi mais curta do que o habitual, terminando numa discussão sonora entre ele e o seu pai.

— Eles não vão avançar durante o inverno — disse Hal. — O terreno, no inverno, é demasiado traiçoeiro, e não vão arriscar um avanço sem dragões que os cubram de cima. Mas quando vier a primavera, não vamos ser capazes de os aguentar. O rei pode até nem sequer tentar. Vende a quinta agora, enquanto a podes vender por bom preço. Podes comprar qualquer outra propriedade no Sul.

— Esta é a minha terra — disse o seu pai. — Foi aqui que nasci. Tu também, embora pareça tê-lo esquecido. Os nossos pais estão aqui sepultados. E Beth também. Quero ser sepultado a seu lado, quando chegar a minha hora.

— A tua hora vai chegar mais cedo do que tu gostarias se não me deres ouvidos — disse Hal, com ira. — Não sejas estúpido, John. Eu sei o que a terra significa para ti, mas ela não vale a tua vida. — Ele continuou, uma e outra vez a dizer o mesmo, mas o pai dela não se comoveria. Acabaram a noite a praguejar um com o outro, e Hal partiu a meio da noite, batendo com a porta ao sair.

Adara, ao ouvir, tomara uma decisão. Fosse o que fosse que o seu pai fizesse, ela ficaria. Se ele se fosse embora, o dragão de gelo não saberia onde encontrá-la, quando viesse o inverno, e se fosse muito para sul, ele jamais conseguiria ir ter com ela.

Foi, porém, ter com ela, quando ela acabara de fazer sete anos. Esse inverno foi o mais frio de todos. Ela voava tão frequentemente e para tão longe, que mal tinha tempo de se dedicar ao seu castelo de gelo.

Hal veio de novo na primavera. Havia apenas uma dúzia de dragões na sua esquadrilha, e nesse ano não trouxe quaisquer presentes. Ele e o pai dela discutiram outra vez. Hal enfureceu-se, suplicou e ameaçou, mas o seu pai era de pedra. Por fim, Hal partiu para o campo de batalha.

Foi nesse ano que a frente do rei se partiu, para norte, perto de uma cidade com um nome comprido, que Adara não conseguia pronunciar.

Teri foi a primeira a ouvir falar disso. Uma noite, voltou da estalagem, corada e excitada.

— Passou um mensageiro a caminho do castelo do rei — contou-lhe ela. — O inimigo venceu uma grande batalha, e ele foi pedir reforços. Disse que o nosso exército está a bater em retirada.

O pai franziu o sobrolho e sulcos de preocupação fenderam-lhe a testa.

— Ele disse alguma coisa sobre os cavaleiros dos dragões? — Discussões à parte, Hal era família.

— Eu perguntei — disse Teri. — Ele disse que os dragões são a retaguarda. A missão deles é fazer incursões e queimar tudo, atrasar o inimigo enquanto o nosso exército recua em segurança. Oh, espero que o tio Hal esteja a salvo!

— Hal há de mostrar-lhes — disse Geoff. — Ele e *Brimstone* vão destruí-los a todos.

O pai sorriu.

— Hal conseguiu sempre cuidar de si. De qualquer modo, não podemos fazer nada. Teri, se passarem mais mensageiros, pergunta-lhes como vão as coisas.

Ela assentiu, mas a sua excitação era mais vasta do que a preocupação. Era tudo muito excitante.

Nas semanas que se seguiram, o entusiasmo desvaneceu-se, à medida que as pessoas da região começaram a compreender a magnitude do desastre. A estrada real ficou cada vez mais cheia e todo o seu tráfego se deslocava de norte para sul, e todos os viajantes estavam vestidos de verde e ouro. Inicialmente, os soldados marchavam em colunas disciplinadas, chefiadas por oficiais com elmos dourados, mas mesmo então mal se conseguiam mexer. As colunas marchavam penosamente, e os uniformes estavam sujos e rasgados, e as espadas, lanças e machados que os soldados carregavam estavam rachados e muitas vezes manchados. Alguns homens tinham perdido as armas; coxeavam, cegamente, de mãos vazias. E os comboios de feridos que seguiam atrás das colunas eram, com frequência, mais compridos que as próprias colunas. Adara ficava nas ervas ao lado da estrada e via-os

passar. Viu um homem sem olhos, no qual se apoiava outro homem sem uma perna, ambos a caminharem juntos. Viu homens sem pernas, ou sem braços, ou sem ambas as coisas. Viu um homem com a cabeça partida ao meio por um machado, e muitos homens cobertos de sangue coagulado e de porcaria, homens que gemiam baixinho enquanto caminhavam. Sentiu o cheiro de homens com corpos horrivelmente esverdeados e escanzelados. Um deles morreu e foi abandonado à beira da estrada. Adara contou ao pai, e ele e alguns homens da povoação foram enterrá-lo.

Sobretudo, Adara viu os homens queimados. Havia dezenas deles em cada coluna que passava, homens cuja pele estava preta e engelhada e a cair, que tinham perdido um braço ou uma perna ou metade do rosto no bafo escaldante de um dragão. Teri contou-lhes o que os oficiais diziam, quando eles paravam na estalagem para beber ou descansar: o inimigo tinha muitos, muitos dragões.

Durante quase um mês, as colunas fluíram, e eram mais a cada dia que passava. Até a Velha Laura reconheceu que nunca vira tanto tráfego na estrada. De tempos a tempos, alguns mensageiros solitários cavalgavam contra a corrente, galopando para norte, mas sempre sozinhos. Pouco tempo depois, toda a gente percebeu que não haveria quaisquer reforços.

Um oficial de uma das últimas colunas aconselhou as pessoas da zona a empacotarem tudo o que pudessem levar e fossem para sul.

— Eles estão a chegar — avisou ele.

Uns quantos deram-lhe ouvidos e, de facto, durante uma semana, a estrada encheu-se de refugiados das cidades mais a norte. Alguns deles contaram histórias aterradoras. Quando se foram, mais gente daquele local os acompanhou.

Mas a maioria ficou. Era gente como o pai dela, e a terra estava-lhes no sangue.

A última força organizada que desceu a estrada era uma companhia de cavalaria, em farrapos, homens magros como esqueletos montados em cavalos com a pele repuxada contra as costelas. Atroaram a noite quando passaram, com as montadas ofegantes a exalarem vapor, e o único que parou foi um jovem e pálido oficial, que refreou momentaneamente o seu cavalo e gritou:

— Vão, vão. Eles estão a incendiar tudo!

Depois, seguiu atrás dos seus homens.

Os poucos soldados que vieram depois vinham sozinhos ou em pequenos grupos.

Nem sempre utilizavam a estrada e não pagavam as coisas que levavam. Um espadachim matou um agricultor do outro lado da cidade, violou a sua

mulher, roubou-lhe o dinheiro, e fugiu. Os seus farrapos eram de cor verde e ouro.

Depois, não passou mais ninguém. A estrada estava deserta.

O estalajadeiro afirmou que conseguia sentir o cheiro a cinzas quando o vento soprava de norte. Reuniu a família e foi para sul. Teri ficou destrocada. Geoff arregalava muito os olhos e estava angustiado, mas apenas um pouco assustado. Fez mil perguntas sobre o inimigo e fez exercícios para se tornar um guerreiro. O pai ocupava-se com os seus trabalhos, atarefado como sempre. Com guerra ou sem guerra, as terras estavam cultivadas. Porém, sorria menos que o habitual e começou a beber, e Adara via-o, com frequência, a levantar os olhos para o céu, enquanto estava a trabalhar.

Adara vagueava sozinha pelos campos, brincando sem mais ninguém no húmido calor estival e tentando pensar onde se esconderia se o pai tentasse levá-los para longe dali.

Por último, vieram os cavaleiros dos dragões do rei, e, com eles, Hal.

Eram apenas quatro. Adara viu o primeiro e foi dizer ao pai, e ele colocou-lhe a mão sobre o ombro e viram-no passar, um dragão verde solitário com um ar vagamente esfarrapado. Não parou junto deles.

Dois dias depois, avistaram três dragões que voavam juntos e um deles separou-se dos outros e desceu em círculos sobre a quinta enquanto os outros se dirigiram para sul.

O tio Hal era magro e tinha um ar cruel e amarelento. O seu dragão parecia doente. Os olhos escorriam, e uma das suas asas estava parcialmente queimada, pelo que voava de forma desajeitada e pesada, com muita dificuldade.

— E agora, vens? — disse Hal ao irmão, à frente de todos os seus filhos.

— Não. Nada mudou.

Hal praguejou.

— Estarão aqui dentro de três dias — disse ele. — Os seus dragões podem até chegar mais cedo do que isso.

— Pai, estou com muito medo — disse Teri.

Ele olhou-a, viu o medo nela, hesitou, e por fim virou-se para o irmão.

— Vou ficar. Mas se tu tens de ir, peço-te que leves as crianças.

Foi, então, a vez de Hal fazer silêncio. Pensou durante um instante e, por fim, abanou a cabeça.

— Não posso, John. Levaria, de boa vontade, com alegria, se fosse possível. Mas não é. *Brimstone* está ferido. Quase não pode comigo. Se levo algum peso extra, poderemos nunca conseguir escapar.

Teri começou a chorar.

— Lamento, meu amor — disse-lhe Hal. — Sinceramente. — Cerrou os punhos, impotente.

— Teri é praticamente adulta — disse o pai. — Se ela pesa demasiado, então leva um dos outros.

Os irmãos olharam-se nos olhos, com desespero. Hal estremeceu.

— Adara — disse ele, por fim. — Ela é pequena e leve. — Deu uma gargalhada forçada. — Ela quase nem pesa. Levarei Adara. O resto de vós que vá a cavalo, ou de carroça, ou a pé. Mas vão, caramba, vão.

— Veremos — disse o pai, evasivamente. — Leva Adara, e põe-na a salvo.

— Sim — anuiu Hal. Virou-se e sorriu-lhe. — Vamos, minha filha. O tio Hal vai levar-te a dar uma volta no *Brimstone*.

Adara olhou-o com um ar muito sério.

— Não — disse ela. E, virando-se, deslizou pela porta e desatou a correr.

Foram atrás dela, claro, Hal e o pai, e até Geoff. Mas o pai perdeu tempo à porta, gritando-lhe que voltasse, e quando começou a correr, fê-lo pesada e desajeitadamente, ao passo que Adara era, na verdade, pequena, leve e rápida de pernas. Hal e Geoff perseguiram-na durante mais tempo, mas Hal estava fraco e Geoff em breve ficou sem fôlego, embora quase lhe tivesse pisado os calcanhares durante um instante. Quando Adara alcançou a seara mais próxima, estavam os três bem longe dela. Rapidamente, desapareceu por entre as espigas e foi em vão que a procuraram, enquanto ela se dirigia, com todos os cuidados, para a floresta.

Quando a luz começou a faltar, levaram lanternas e tochas e continuaram a busca. De vez em quando, ela ouvia o pai a praguejar ou Hal a gritar o seu nome. Deixou-se ficar nos ramos mais altos de um carvalho a que subira, e sorriu perante as luzes deles, enquanto passavam os campos a pente fino. Finalmente, adormeceu, sonhando com a chegada do inverno e perguntando-se como viveria até ao dia do seu aniversário. Ainda faltava muito tempo.

A primeira luz da manhã acordou-a; a luz e um ruído no céu.

Adara bocejou e piscou os olhos, e ouviu-o de novo. Trepou até aos ramos mais altos das árvores, tanto quanto os ramos aguentavam o seu peso, e desviou as folhas.

O céu estava cheio de dragões.

Nunca vira animais tão monstruosos como aqueles. As suas escamas eram escuras e fuliginosas, e não verdes como as do dragão que Hal montava. Um era cor de ferrugem, outro era do mesmo tom que o sangue seco e outro era negro como carvão. Os olhos de todos eles eram como brasas incandescentes, deitavam vapor pelas narinas, e as caudas moviam-se de um lado para o outro ao mesmo tempo que as suas asas escuras, de pele curtida, sacudiam o ar.

O que era cor de ferrugem abriu a boca e rugiu, e a floresta tremeu dian-

te do ruído desafiador, e até os ramos que Adara segurava estremeceram um pouco. O negro também fez um ruído e quando abriu a boca, expeliu um jorro de chamas, laranja e azul, que bafejou as árvores, por baixo. As folhas contorceram-se e enegreceram, e começou a elevar-se fumo do sítio atingido pelo bafo do dragão. O da cor de sangue sobrevoou Adara, não muito longe, fazendo estalar as asas retesadas, de boca meio aberta. Adara viu fuligem e cinzas entre os seus dentes amarelados, e o vento que soprou à sua passagem era como fogo e lixa que lhe esfolaram e irritaram a pele. Ela encolheu-se.

Os dragões eram montados por homens com chicotes e lanças, de uniformes negro-laranja e o rosto ocultado por elmos escuros. O que montava o dragão cor de ferrugem fez um gesto com a lança, apontando na direção dos edifícios da quinta, no meio dos campos. Adara olhou.

Hal saiu ao encontro deles.

O seu dragão verde era tão grande como os deles, mas pareceu, de algum modo, pequeno a Adara, enquanto o via levantar voo da quinta. Com as asas completamente estendidas, via-se claramente como estava seriamente ferido; a ponta da asa direita estava carbonizada e adornava nitidamente para um lado quando voava. Em cima dela, Hal parecia um daqueles soldadinhos de brincar que ele lhes trouxera de presente, uns anos antes.

Os cavaleiros inimigos dividiram-se e dirigiram-se a ele por três lados. Hal viu o que eles estavam a fazer. Tentou virar, arremessar-se contra a cabeça do dragão negro, e fugir dos outros dois. Brandia o chicote furiosamente, desesperadamente. O seu dragão verde abriu a boca e emitiu um ruído de desafio, mas a sua chama era pálida e curta e não alcançou o inimigo.

Os outros suspenderam o fogo. Depois, obedecendo a um sinal deles, os dragões expeliram o seu bafo simultaneamente. Hal ficou envolto em chamas.

O seu dragão uivou um estridente lamento, e Adara viu que estava a arder, ele estava a arder, estavam os dois a arder, o animal e o amo. Caíram pesadamente sobre a terra e ficaram ali estendidos entre o trigo do pai.

O ar estava cheio de cinza.

Adara rodou a cabeça noutra direção e viu uma coluna de fumo a elevar-se para lá da floresta e do rio. Era a quinta onde a Velha Laura vivia com os netos e os filhos deles.

Quando olhou para trás, os três dragões escuros voavam em círculos, cada vez mais baixo, sobre a sua própria quinta. Um por um, aterraram. Ela viu o primeiro cavaleiro desmontar e caminhar até à porta.

Estava assustada e confusa, tinha apenas sete anos, afinal. E o ar carregado do verão pesava-lhe, enchia-a de desamparo e adensava todos os seus medos. Assim, Adara fez, sem pensar, a única coisa que sabia, uma coisa

que lhe surgiu naturalmente. Desceu da árvore e correu. Correu através dos campos e das florestas, para longe da quinta e da sua família e dos dragões, para longe de tudo. Correu até as pernas lhe pulsarem com dores, descendo em direção ao rio. Correu até ao local mais fresco que conhecia, até às fundas cavernas por baixo das falésias do rio, em busca de um refúgio frio, escuro e seguro.

E escondeu-se, ali, na frialdade. Adara era filha do inverno, e o frio não a incomodava. Apesar disso, tremeu enquanto se manteve escondida.

Ao dia sucedeu a noite. Adara não deixou a caverna.

Tentou dormir, mas os seus sonhos estavam cheios de dragões a arder.

Encolheu-se toda, estendida na escuridão, e tentou contar os dias que faltavam para o seu aniversário. As cavernas eram agradavelmente frescas; Adara quase conseguia imaginar que, afinal, não era verão, que era inverno, ou quase. Em breve, o seu dragão de gelo viria à sua procura e ela montá-lo-ia a caminho das terras onde era sempre inverno, onde eternamente se erguiam grandes castelos de gelo e catedrais de neve por campos brancos sem fim, e onde imperavam a imobilidade e o silêncio.

Quase se sentia no inverno, ali estendida. A caverna parecia ficar cada vez mais fria. Isso fazia-a sentir-se a salvo. Dormitou por breves instantes. Quando acordou, estava ainda mais frio. Uma fina capa branca de gelo cobriu as paredes da caverna e ela estava sentada numa cama de gelo. Adara pôs-se de pé com um salto e levantou os olhos para a boca da caverna, preenchida pela luz difusa do amanhecer. Um vento frio acariciou-a. Mas vinha do exterior, do mundo do verão, não das profundezas da caverna.

Deu um pequeno grito de alegria, trepando e arrastando-se pelas rochas cobertas de gelo.

Lá fora, o dragão de gelo estava à sua espera.

Respirara sobre a água e, agora, o rio estava gelado, ou pelo menos uma parte dele estava, embora se pudesse ver que o gelo estava a derreter rapidamente à medida que o sol de verão se erguia. Ele respirara sobre as ervas verdes que cresciam ao longo das margens, ervas quase tão altas como Adara, e agora as suas lâminas altas estavam brancas e quebradiças, e quando o dragão de gelo movia as asas, as ervas partiam-se em dois e tombavam, tão claramente como se tivessem sido cortadas por uma foice.

Os olhos gélidos do dragão cruzaram-se com os de Adara, e ela correu para ele e pulou-lhe para a asa, e lançou os braços em volta dele. Sabia que tinha de se apressar. O dragão de gelo parecia mais pequeno do que alguma vez o vira, e compreendeu o que o calor do verão lhe estava a fazer.

— Depressa, dragão — sussurrou ela. — Leva-me para longe, leva-me para as terras onde é sempre inverno. Nunca mais voltaremos aqui, nunca. Vou contruir-te o melhor castelo de todos, e vou cuidar de ti, e vou

montar-te todos os dias. Leva-me para longe, dragão, leva-me para casa contigo.

O dragão de gelo ouviu e compreendeu. As suas largas asas translúcidas desdobraram-se e sacudiram o ar, os implacáveis ventos árticos uivaram através dos campos estivais. Levantaram voo. Para longe da caverna. Para longe do rio. Por cima da floresta. Subiram cada vez mais alto. O dragão de gelo girou em direção a norte. Adara vislumbrou a quinta do pai, mas era muito pequena e estava a ficar cada vez mais pequena. Voltaram-lhe as costas, e elevaram-se

Então, um som chegou aos ouvidos de Adara. Um som impossível, um som que era demasiado pequeno e demasiado longínquo para ser possível que ela o tivesse ouvido, sobretudo acima do bater das asas do dragão de gelo. Mas ela ouviu-o, apesar disso. Ouviu o seu pai gritar.

Lágrimas quentes escorreram-lhe pela face, e onde elas caíam sobre as costas do dragão de gelo, produziam pequenos buracos no gelo. Subitamente, o frio sob as suas mãos dilacerava-a e quando tirou uma das mãos, viu a marca que ela fizera sobre o pescoço do dragão. Estava com medo, mas continuou agarrada a ele.

— Volta para trás — sussurrou ela. — Oh, por favor, dragão. Leva-me de volta.

Ela não conseguia ver os olhos do dragão de gelo, mas sabia qual deveria ser o aspeto deles. A boca abriu-se e soltou um penacho azul-esbranquiçado, um longo jorro frio que se suspendeu no ar. Não fez qualquer ruído; os dragões de gelo são silenciosos. Mas, na sua mente, Adara ouviu o feroz lamento da sua dor.

— Por favor — sussurrou ela uma vez mais. — Ajuda-me. — A sua voz era fina e pequena.

O dragão de gelo virou.

Os três dragões escuros estavam do lado de fora do celeiro quando Adara regressou, banqueteadando-se com as carcaças ardentes e enegrecidas do gado do seu pai. Um dos cavaleiros estava junto deles, encostado à sua lança e, de vez em quando, espicaçava o seu dragão com ela.

Levantou os olhos, quando a fria rajada de vento se precipitou com um guincho pelos campos, gritou qualquer coisa e correu velozmente para o dragão negro. O animal arrancou um último naco de carne do cavalo do seu pai, engoliu, e ergueu-se relutantemente no ar. O cavaleiro brandiu o chicote.

Adara viu a porta da casa da quinta abrir-se de repente. Os outros dois cavaleiros saíram de rompante e correram para os seus dragões. Um deles tentava vestir as calças enquanto corria. Estava de peito nu.

O dragão negro rugiu e o fogo fulgurou na direção deles. Adara sen-

tiu o calor escaldante e um arrepio percorreu o dragão de gelo quando as chamas lhe lambeiram a barriga. Depois, ele rodou o seu longo pescoço e fixou malignamente os seus olhos no inimigo, abrindo as suas mandíbulas orladas de gelo. O seu bafo jorrou por entre os dentes gélidos e era um bafo branco e frio.

Tocou, com ele, a asa esquerda do dragão negro como carvão que estava debaixo deles, e o escuro monstro deu um grito estridente de dor, e quando as suas asas bateram de novo, a asa coberta de gelo partiu-se em duas. Dragão e cavaleiro começaram a cair.

O dragão de gelo lançou de novo o seu bafo.

Os outros ficaram gelados e mortos antes de atingirem o chão.

O dragão cor de ferrugem dirigia-se para eles a voar, e também o dragão cor de sangue com o seu cavaleiro de peito nu. Os ouvidos de Adara encheram-se dos seus rugidos irados e sentiu o bafo quente deles em volta de si, e viu o ar resplandecer de calor e sentiu o fedor a enxofre.

Duas longas espadas de fogo cruzaram o ar, mas nenhuma delas tocou no dragão de gelo, embora ele tivesse murchado com o calor, deixando cair água, como chuva, sempre que batia as asas.

O dragão cor de sangue aproximou-se demasiado e o bafo do dragão de gelo atingiu o cavaleiro. O seu peito nu ficou azul diante dos olhos de Adara, e a humidade condensou-se sobre ele, num instante, cobrindo-o de gelo. Gritou e morreu, caindo da sua montada, embora as rédeas tivessem ficado para trás, congeladas e presas ao pescoço do seu dragão. O dragão de gelo aproximou-se e as suas asas gritavam a canção secreta do inverno, e uma explosão de fogo embateu numa explosão de frio. O dragão de gelo estremeceu uma vez mais, e girou para longe, a gotejar. O outro dragão morreu.

Mas o último cavaleiro estava agora atrás deles, o inimigo de armadura completa sobre o dragão, cujas escamas eram de um castanho cor de ferrugem. Adara gritou, e, ao mesmo tempo, o fogo envolveu a asa do dragão de gelo. Desapareceu em menos de um instante, mas a asa desaparecera com ele, derretida, destruída.

A asa remanescente do dragão de gelo batia loucamente para abrandar o mergulho, mas ele caiu por terra num terrível embate. As suas pernas despedaçaram-se sob ele, e a asa estalou em dois sítios, e o impacto da aterragem lançou Adara para longe das suas costas. Ela tombou sobre a terra macia do campo, rolou, debateu-se, feriu-se, mas ficou inteira.

O dragão de gelo parecia agora muito pequeno, muito quebrado. O seu longo pescoço afundava-se fatigadamente no chão, e a sua cabeça repousava por entre o trigo.

O cavaleiro inimigo veio sobre eles, bramindo o triunfo. Os olhos do dragão incandesciam. O homem fez um floreado com a lança e gritou.

O dragão de gelo ergueu uma vez mais a cabeça, dolorosamente, e fez o único som que Adara alguma vez o ouviu fazer: um ténue mas terrível grito cheio de melancolia, como o som que o vento do norte faz quando sopra pelas torres e casernas do branco castelo que se ergue, vazio, na terra onde é sempre inverno.

Quando o grito se extinguiu, o dragão de gelo envolveu o mundo em frio uma última vez: um longo jato de vapor azul-esbranquiçado cheio de neve e de quietação, o fim de todas as coisas vivas. O cavaleiro voou mesmo direito a ele, ainda brandindo o chicote e a lança. Adara viu-o embater.

Depois, desatou a correr, para longe dos campos, de volta à casa e à família que lá estava dentro, correndo o mais velozmente que conseguia, correndo e ofegando e chorando, tudo ao mesmo tempo, como uma miúda de sete anos de idade.

O pai fora pregado à parede do quarto. Queriam que ele assistisse enquanto eles violavam Teri à vez. Adara não sabia o que fazer, mas desamarrou Teri, cujas lágrimas já tinham secado, e ambas soltaram Geoff e desceram o pai. Teri tratou dele e limpou-lhe as feridas. Quando abriu os olhos e viu Adara, sorriu. Ela abraçou-o com muita força e chorou por ele.

Quando a noite caiu, ele declarou que estava suficientemente bem para viajar. Rastejaram a coberto da escuridão, e tomaram a estrada real para sul.

A família não lhe fez perguntas, naquelas horas de escuridão e medo. Mas, mais tarde, quando estavam a salvo, no Sul, houve perguntas que nunca mais acabavam. Adara deu-lhes as melhores respostas que conseguiu. Mas nenhum deles jamais acreditou nela, exceto Geoff, e este acabou por esquecer quando ficou mais velho. Ela apenas tinha sete anos, afinal, e não entendia que os dragões de gelo nunca são avistados no verão, e não se conseguem domar nem cavalgar.

Além disso, quando haviam deixado a casa, à noite, não havia qualquer dragão de gelo à vista. Apenas os cadáveres enormes e escuros dos três dragões de combate e os corpos mais pequenos dos três cavaleiros vestidos de negro e laranja. E um lago que nunca ali existira, um pequeno e silencioso charco de água, onde a água era muito antiga. Tinham-no rodeado cuidadosamente, ao dirigirem-se para a estrada.

O pai trabalhou noutra quinta, no Sul, durante três anos. As suas mãos não eram tão fortes como tinham sido antes de terem sido atravessadas pelos pregos, mas ele superava isso com a força das suas costas e braços, e com a sua determinação. Poupara tudo o que podia, e parecia feliz.

— Hal desapareceu, e a minha terra também — dizia ele a Adara — e fico triste por isso. Mas está tudo bem. Tenho a minha filha de volta. — Pois agora o inverno deixara-a, e ela sorria e ria, e até chorava, como as outras miúdas.

Três anos depois de eles terem escapado, o exército do rei derrotou o inimigo numa grande batalha, e os dragões do rei incendiaram a capital estrangeira. Na paz que se seguiu, as províncias do Norte mudaram, uma vez mais, de mãos. Teri recuperou o seu espírito e casou com um jovem comerciante, permanecendo no Sul. Geoff e Adara regressaram à quinta com o pai.

Quando a primeira geada apareceu, todos os lagartos de gelo saíram, tal como sempre tinham feito. Adara observou-os com um sorriso no rosto, recordando como era dantes. Mas não tentou tocar-lhes. Eram umas coisinhas frias e frágeis, e o calor das suas mãos poderia magoá-los.